

NOVA VERSÃO INTERNACIONAL

BÍBLIA
DE ESTUDO
Arqueológica
NVI

FAÇA UMA JORNADA VISUAL
ATRAVÉS DA VIDA E DOS
TEMPOS BÍBLICOS



Apocalipse

AUTOR, LUGAR E DATA DA REDAÇÃO

Este livro identifica seu autor como “João” (1.1,4,9; 22.8) — a tradição entende que seja o apóstolo João, filho de Zebedeu e autor do evangelho que leva o nome desse apóstolo. Hoje, todavia, muitos estudiosos conservadores sustentam o ponto de vista de Dionísio, bispo de Alexandria do século III, de que o livro foi escrito por outro João, denominado João, o Presbítero. Outros especialistas acreditam que o livro foi escrito sob um pseudônimo (falsamente atribuído a João) e que se trata de um compósito de vários textos. Apesar disso, há razões históricas e literárias convincentes para crer que Apocalipse foi escrito pelo apóstolo João (ver “Quem escreveu Apocalipse?”, em Ap 10).

Embora alguns sustentem que Apocalipse foi escrito em 68 ou 69 d.C., pouco depois da morte do infame imperador Nero, a maioria acredita numa data próxima do fim do primeiro século. Ireneu (Contra heresias, 5.30.3) afirma que o apóstolo João teve sua revelação no final do reinado de Domício (81-96 d.C.), o que é amplamente aceito hoje em dia, e muitos acreditam que as perseguições promovidas por Domício estavam por trás de Apocalipse.

O autor afirma que está escrevendo de Patmos (1.9), pequena ilha rochosa do mar Egeu. Afastada da costa da moderna Turquia, era usada como colônia penal romana. Eusébio (265-340 d.C.) relata que João saiu de Patmos durante o reinado do imperador Nerva (96-98 d.C.).

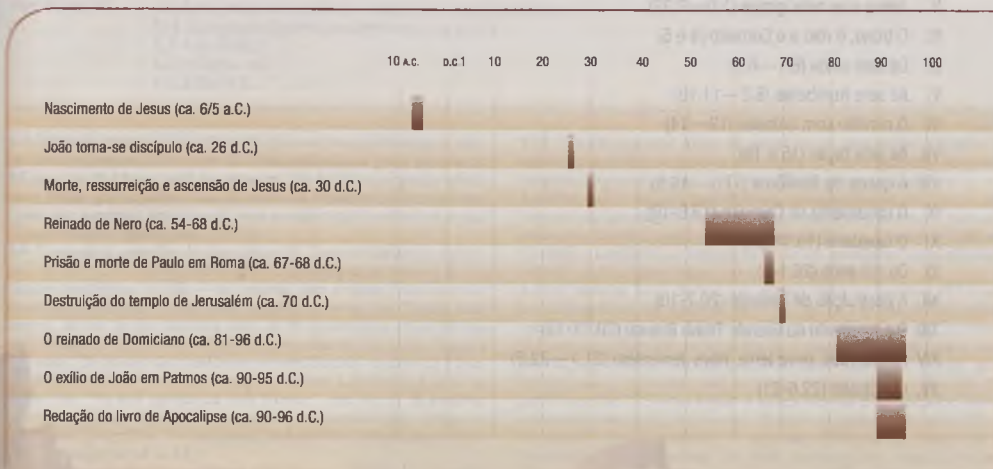
DESTINATÁRIO

O livro de Apocalipse é endereçado às sete igrejas da Ásia Menor (a moderna Turquia) — Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia. A perseguição romana aos cristãos (1.9; 2.10,13; 3.10) era intensa na época, e as falsas doutrinas espalhavam-se pelas igrejas.

FATOS CULTURAIS E DESTAQUES

O livro de Apocalipse foi escrito numa época em que as autoridades romanas começavam a impor a adoração ao imperador (ver “O culto imperial”, em Mc 12). Os cristãos, que afirmavam que “Jesus é Senhor” (Rm 10.9) enfrentavam crescente perseguição e mesmo o martírio (Ap 2.13; 6.9). O apóstolo João foi exilado na ilha de Patmos por causa de suas atividades de missionário cristão (1.9), e os crentes são avisados da oposição e da opressão vindouras (2.10; 3.10). Alguns cristãos advogam o compromisso com o governo romano (2.14—14.20), e João escreve, em parte, para encorajar os crentes a permanecer firmes nos dias de tentação que estão por vir.

LINHA DO TEMPO



ENQUANTO VOCÊ LÊ

Nos capítulos 2 e 3, observe as pistas sobre as condições das igrejas a quem as cartas se dirigem. Ao avançar na leitura, tente não se prender ao calendário de acontecimentos, ao simbolismo ou aos detalhes obscuros. Procure ver o livro não apenas como história e profecia, mas também como fonte de encorajamento e de esperança para os cristãos de todos os tempos que estejam sob perseguição.

VOCÊ SABIA?

- O absinto, planta de gosto forte e amargo, é usado aqui como metáfora da calamidade e do sofrimento. Apesar de não venenoso, seu amargor realmente sugere a morte (8.11).
- Os antigos acreditavam que o Abismo era a morada subterrânea das hordas demoníacas (9.1).
- A crença em estátuas que falam é amplamente atestada na literatura antiga. Algumas estátuas eram ocas e assim permitiam que o sacerdote do santuário se escondesse dentro dela e falasse como se fosse um deus (13.15).
- Os antigos costumavam diluir cada parte de vinho em duas partes de água, exceto quando tinham a intenção de se embriagar (14.8).

TEMAS

O livro de Apocalipse contém os seguintes temas:

1. *Deus está no controle.* As visões de João penetram a barreira que separa o reino celestial do mundo terreno e revelam a realidade do céu, que triunfará sobre a ilusão terrena. O conhecimento do AT é de grande auxílio para se entender o simbolismo do Apocalipse, pois os fatos do AT são vistos como padrões recorrentes na história.
2. *Jesus voltará.* A libertação final acontecerá na volta de Cristo. Será precedida por um período de catástrofes sem precedentes, simbolizados por imagens de nascimentos, conflitos militares, desastres cósmicos sobrenaturais. A nova era não será resultado da atividade humana nem se desenvolverá a partir do tempo presente, mas acontecerá por intervenção direta de Deus. O Apocalipse aconselha seus leitores a avaliar o presente à luz da era futura, quando o Maligno será julgado e destruído, e o justo, recompensado.
3. *A salvação é para todos que a receberem.* A salvação não é exclusiva de um povo ou nação.

SUMÁRIO

- I. Introdução (1.1-8)
- II. Jesus e as sete igrejas (1.9—3.22)
- III. O trono, o rolo e o Cordeiro (4 e 5)
- IV. Os sete selos (6.1—8.1)
- V. As sete trombetas (8.2—11.19)
- VI. O conflito com Satanás (12—14)
- VII. As sete taças (15 e 16)
- VIII. A queda da Babilônia (17.1—19.5)
- IX. O casamento do Cordeiro (19.6-10)
- X. O cavaleiro (19.11-21)
- XI. Os mil anos (20.1-6)
- XII. A destruição de Satanás (20.7-10)
- XIII. O julgamento do Grande Trono Branco (20.11-15)
- XIV. Novos céus, nova terra, nova Jerusalém (21.1—22.5)
- XV. Conclusão (22.6-21)

Introdução

1.1 ^aAp 22.16

1.2 ^a1Co 1.6;

Ap 12.17

1.3 ^aLc 11.28

1 Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos^a o que em breve há de acontecer. Ele enviou o seu anjo^a para torná-la conhecida ao seu servo João,² que dá testemunho de tudo o que viu, isto é, a palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo.^b ³ Feliz aquele que lê as palavras desta profecia e felizes aqueles que ouvem e guardam o que nela está escrito,^c porque o tempo está próximo.

Saudação e Doxologia

1.4 ^aAp 3.1; 4.5

⁴ João

às sete igrejas da província da Ásia:

A vocês, graça e paz da parte daquele que é, que era e que há de vir, dos sete espíritos^{bd} que estão diante do seu trono⁵ e de Jesus Cristo, que é a testemunha fiel,^c o primogênito dentre os mortos^f e o soberano dos reis da terra^g.

Ele nos ama e nos libertou dos nossos pecados por meio do seu sangue,⁶ e nos constituiu reino e sacerdotes^h para servir a seu Deus e Pai. A ele sejam glória e poder para todo o sempre! Amém.ⁱ

1.6 ^a1Pe 2.5;
Rm 11.36

1.7 ^aDn 7.13;
KzC 12.10

⁷ Eis que ele vem com as nuvens,^j

e todo olho o verá, até mesmo aqueles

que o traspassaram; e todos os povos da terra

se lamentarão^k por causa dele.

Assim será! Amém.

1.8 ^aAp 21.6;
^aAp 4.8

⁸ “Eu sou o Alfa e o Ômega”,^l diz o Senhor Deus, “o que é, o que era e o que há de vir, o Todo-poderoso.”^m

Alguém Semelhante a um Filho de Homem

1.9 ^aFp 4.14;
^a2Tm 2.12

1.10 ^aAp 4.2;

^aAp 4.1

1.11 ^av. 4,20;

^aAp 3.1

⁹ Eu, João, irmão e companheiro de vocês no sofrimento,ⁿ no Reino e na perseverança^o em Jesus, estava na ilha de Patmos por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus.¹⁰ No dia do Senhor achei-me no Espírito^p e ouvi por trás de mim uma voz forte, como de trombeta,^q ¹¹ que dizia: “Escreva num livro^d o que você vê e envie a estas sete igrejas: ^r Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, ^s Filadélfia e Laodiceia”.

¹² Voltei-me para ver quem falava comigo. Voltando-me, vi sete candelabros de ouro!¹³ e entre os candelabros alguém “semelhante a um filho de homem”^{e,u} com uma veste que chegava aos seus

1.12 ^aEx 25.31-40;
Zc 4.2

1.13 ^aEz 1.26;
Dn 7.13; 10.16;

^aDn 10.5; Ap 15.6

^a 1.1 Isto é, escravos; também em todo o livro de Apocalipse.

^b 1.4 Ou *septuplo Espírito*; também em 3.1; 4.5 e 5.6.

^c 1.5 Veja Sl 89.27.

^d 1.11 Grego: *rolo*.

^e 1.13 Dn 7.13.

1.1 Apesar de apóstolo, João não apela para sua autoridade sobre as igrejas, mas se apresenta como servo de Deus, título usado pelos profetas do AT (e.g., Jr 29.19; ver também nota em 1Pe 4.16) e que podia refletir tanto honra quanto submissão. Os servos de senhores poderosos como César, por exemplo, desfrutavam mais prestígio que os aristocratas (ver “Quem escreveu Apocalipse?”, Ap 10).

1.4 O principal conselho de dignitários (cf. “as autoridades da província”, em At 19.31) reunia-se anualmente numa sequência rotativa de sete cidades estratégicas da Ásia — as mesmas para as quais João escreveu, exceto que substituiu Cízico, mais distante ao norte, por Tiatira, mais central. As sete igrejas distavam cerca de 80 quilômetros umas das outras, formando um círculo na província romana da Ásia (hoje Turquia Oriental). Os nomes são citados em sentido horário, a partir de Éfeso, na direção norte. O círculo completa-se em Laodiceia, a leste de Éfeso (ver “As sete igrejas da Ásia Menor”, em Ap 3). É possível que nessas cidades estivessem as centrais dos correios que serviam as sete regiões geográficas. Ao que parece, todo o livro de Apocalipse é dirigido a essas igrejas (cf. v. 11).

“O que é, o que era e o que há de vir” é uma paráfrase do nome divino tirado de Ex 3.14,15 (ver “YHWH: o nome de Deus no Antigo Testamento”, em Ex 3).

1.10 O “Dia do Senhor” é um termo técnico referente ao primeiro dia da semana — assim chamado porque Jesus ressuscitou nesse dia. Era também o dia em que os cristãos se reuniam (ver At 20.7) e levantavam coletas (ver 1Co 16.2).

1.11 Um rolo continha folhas de papiro ou de pergaminho costuradas e unidas em torno de um eixo (ver nota em Ex 17.14; ver também “Materiais de escrita no mundo antigo”, em 3Jo; e “Rolos, selos e códices”, em Ap 5).

1.12 Por todo o mundo mediterrâneo, o candelabro de sete braços, ou menorá, era um símbolo reconhecido de Israel e do judaísmo. O fato de cada uma das sete congregações (Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Filadélfia e Laodiceia) ser representada por um candelabro provavelmente insinua a João a Igreja maior, todo o povo de Deus.

1.13 A razão de Jesus chamar a si mesmo “filho de homem” (82 vezes nos Evangelhos; ver também At 7.56; Ap 14.14) não é conhecida, apesar de haver muito debate entre os especialistas sobre a questão. Ele costumava fazer afirmações acerca de si mesmo na terceira pessoa, sem dúvida para infundir seus ensinamentos com mais força. Sempre que fez isso, usou a expressão como um nome para si mesmo — extraído da profecia de Dn 7.13, com a qual os judeus estavam familiarizados. Jesus, ao assumir esse título, poderia estar dizendo aos judeus: “Eu sou o ‘filho de homem’ daquela profecia”. A expressão enfatizava sua união com a humanidade e era também um título que ninguém ousaria criticar. Ele evitava fazer referência a si mesmo como o Filho de Deus ou como o Messias, porque os judeus não aceitariam tais designações, mas não faziam objeção ao “filho de homem”. Contudo, não temos relato de mais ninguém chamando Jesus que usasse esse título.

O sumo sacerdote usava um manto comprido (Ex 28.4; 29.5). A referência a Cristo como sumo sacerdote é apoiada pela referência ao cinturão de ouro em torno de seu peito.

pés e um cinturão de ouro ao redor do peito.^v ¹⁴ Sua cabeça e seus cabelos eram brancos como a lã, tão brancos quanto a neve, e seus olhos eram como chama de fogo.^w ¹⁵ Seus pés eram como o bronze numa fornalha ardente^x e sua voz como o som de muitas águas.^y ¹⁶ Tinha em sua mão direita sete estrelas,^z e da sua boca saía uma espada afiada de dois gumes.^a Sua face era como o sol quando brilha em todo o seu fulgor.

¹⁷ Quando o vi, caí aos seus pés^b como morto. Então ele colocou sua mão direita sobre mim e disse: “Não tenha medo. Eu sou o Primeiro e o Último.^c ¹⁸ Sou Aquele que Vive. Estive morto,^d mas agora estou vivo para todo o sempre!^e E tenho as chaves da morte e do Hades.^f

¹⁹ “Escreva, pois, as coisas que você viu, tanto as presentes como as que acontecerão.^g ²⁰ Este é o mistério das sete estrelas que você viu em minha mão direita e dos sete candelabros:^h as sete estrelas são os anjos das sete igrejas,^h e os sete candelabros são as sete igrejas.ⁱ

^{1.14} ^wDn 7.9;
10.8; Ap 19.12
1.15 ^xDn 10.6;
^yEz 43.2; Ap 14.2
1.16 ^zAp 2.1; 3.1;
^aIs 49.2; Hb 4.12;
Ap 2.12,16

^{1.17} ^eEz 1.28;
Dn 8.17,18;
^fIs 41.4; 44.6;
48.12; Ap 22.13
1.18 ^gRm 6.9;
^hAp 4.9,10;
ⁱAp 20.1
1.20 ^g2Co 4.2;
^hvv. 4,11;
ⁱMt 5.14,15

^a 1.18 Essa palavra pode ser traduzida por *inferno, sepulcro, morte ou profundezas*.

^b 1.19 Ou *você viu, as coisas presentes e as que acontecerão depois destas*.

1.16 A “espada” é provavelmente a arma comprida de origem trácia (também em 2.12,16; 6.8; 19.15,21), mas em 6.4 e 13.10,14 é uma espada pequena ou adaga. A espada simboliza o juízo divino.

1.17 Cair aos pés de alguém era sinal de grande respeito ou reverência. A mão direita representava a autoridade da pessoa (ver “A ‘mão direita’ no pensamento antigo”, em Hb 1).

1.18 Nos palácios antigos, aquele que detinha as chaves era um oficial importante — a única pessoa que controlava os acessos à presença do rei.

“Morte e Hades” juntos representam o poder da morte (ver “Sheol, Hades, Geena, Abismo e Tártaro: imagens do inferno”, em SI 139). Por causa de sua vitória na cruz, Jesus tem essas chaves poderosas. No livro de Apocalipse, a morte e o Hades estão quatro vezes unidos (ver também 6.8; 20.13,14) e são tratados como termos quase sinônimos. No último versículo mencionado, a morte e o Hades são reunidos para serem lançados no lago de fogo — condenados à destruição completa.

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

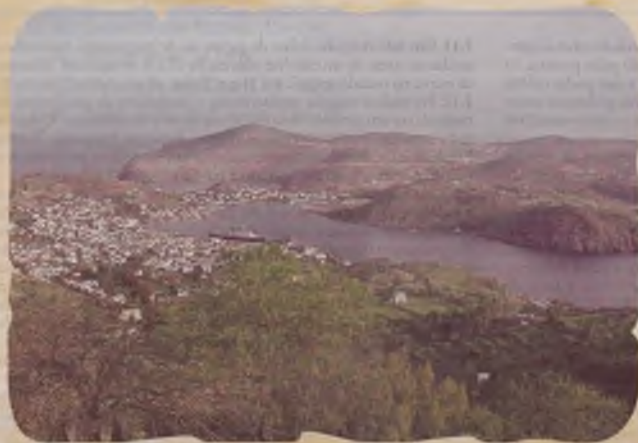
PATMOS

APOCALIPSE 1 Com apenas 40 quilômetros de circunferência, Patmos (mapa 13) é uma pequena ilha distante da costa da **Ásia Menor**,^c cerca 58 quilômetros a sudoeste de

Mileto. O terreno é pobre e montanhoso, e o monte Elias, com 243 metros de altitude, é seu ponto mais alto. Patmos era usada como local de exílio durante o **período romano**.

A tradição sustenta que o apóstolo João, homem idoso na época, foi exilado ali no décimo quarto ano do reinado do imperador Domiciano (Eusébio, *História eclesiástica*, 3.18-20). Como foi nessa ilha que João recebeu sua revelação (Ap 1.9,10), Patmos é reverenciada por muitos cristãos desde o período romano até o presente. Em 1088, Cristodoulos construiu o Mosteiro de São João sobre o sítio da “gruta de João”. Hoje, uma grande biblioteca **bizantina** nesse local guarda a obra produzida pelos muitos mosteiros e igrejas que existiram em Patmos ao longo dos séculos. A ilha mudou de mãos políticas várias vezes ao longo do tempo. Desde 1947, pertence à Grécia.

¹Ver o Glossário na p. 2080 para as definições das palavras em negrito.



O porto de Patmos

Foto: © William L. Kewson/ Bible Places.com

Carta à Igreja de Éfeso

2.1 ¹Ap 1.16;
²Ap 1.12,13

2 “Ao anjo da igreja em Éfeso, escreva:

2.2 ¹Ap 3.1,8,15;
²Jo 4.1;
³2Co 10.13

2.3 ¹Jo 15.21

2.4 ¹Mt 24.12
²5 ¹Ap 16.22;
²Ap 1.20

2.5 ¹Ap 1.15

2.7 ¹Mt 11.15;
²Ap 3.6,13,22;
³Gn 2.9;
⁴Ap 22.14,19;
⁵Lc 23.43

“Estas são as palavras daquele que tem as sete estrelas em sua mão direita^a e anda entre os sete candelabros de ouro.^k ²Conheço as suas obras,^l o seu trabalho árduo e a sua perseverança. Sei que você não pode tolerar homens maus, que pôs à prova^m os que dizem ser apóstolos mas não são, e descobriu que eles eram impostores.ⁿ ³Você tem perseverado e suportado sofrimentos por causa do meu nome^o e não tem desfalecido.

⁴“Contra você, porém, tenho isto: você abandonou o seu primeiro amor.^p ⁵Lembre-se de onde caiu! Arrependa-se^q e pratique as obras que praticava no princípio. Se não se arrepender, virei a você e tirarei o seu candelabro^r do lugar dele. ⁶Mas há uma coisa a seu favor: você odeia as práticas dos nicolaítas,^s como eu também as odeio.

⁷“Aquele que tem ouvidos ouça^t o que o Espírito diz às igrejas. Ao vencedor darei o direito de comer da árvore da vida,^u que está no paraíso^v de Deus.

Carta à Igreja de Esmirna

2.8 ¹Ap 1.11;
²Ap 1.17; ³Ap 1.18

⁸ “Ao anjo da igreja em Esmirna,^w escreva:

2.9 ¹Tg 2.5; ²Ap 3.9;
³Mt 4.10
⁴2.10 ¹Ap 3.10;
⁵Dn 1.12,14;
⁶Ev. 13

“Estas são as palavras daquele que é o Primeiro e o Último,^x que morreu e tornou a viver.^y ⁹Conheço as suas aflições e a sua pobreza; mas você é rico!^z Conheço a blasfêmia dos que se dizem judeus mas não são,^a sendo antes sinagoga de Satanás.^b ¹⁰Não tenha medo do que você está prestes a sofrer. O Diabo lançará alguns de vocês na prisão para prová-los,^c e vocês sofrerão perseguição durante dez dias.^d Seja fiel^e até a morte, e eu lhe darei a coroa da vida.

¹¹“Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas. O vencedor de modo algum sofrerá a segunda morte.^f

2.11 ¹Ap 20.6,14;
²21.8

2.1-7 A Ásia proconsular, na época do NT, era a província romana que abrangia a parte sudoeste da Ásia Menor e, em particular, “as sete igrejas na província da Ásia” (1.4) dos três primeiros capítulos de Apocalipse. No NT, a palavra “Ásia” ocorre 19 vezes, sempre se referindo a essa divisão, não ao continente inteiro ou mesmo à Anatólia. Sua capital era Éfeso, em que Paulo e João trabalharam. Para mais informações sobre a cidade de Éfeso, ver “História primitiva de Éfeso”, em 2Tm 1; e “Éfeso nos tempos de Paulo”, em 2Tm 4.

2.6 Os nicolaítas eram uma seita herética que desenvolveu um sistema de transigência com a sociedade pagã e se infiltrou na igreja. Ao que parece, ensinavam que a liberdade espiritual lhes dava espaço para praticar a idolatria e a imoralidade. A tradição identifica-os com Nicolau, prosélito de Antioquia e um dos sete primeiros diáconos da igreja de Jerusalém (At 6.5), embora não haja provas disso. Em Pérgamo, um grupo semelhante sustentava os ensinamentos de Balaão (Ap 2.14,15) e, por influência deles, os israelitas passaram a comer alimentos sacrificados aos ídolos e cometeram fornicação. Em Tiatira, eram os seguidores da rainha mã Jezabel (v. 20). A julgar pelas tendências heréticas, parece que os três grupos eram nicolaítas. Uma seita nicolaíta surgiu mais tarde entre os gnósticos, no século III, como informam os pais da Igreja da época (Ireneu, Clemente de Alexandria e Tertuliano). Talvez sua origem remonte ao grupo condenado em Apocalipse.

2.7 Ver “A árvore da vida no imaginário judaico”, em Ap 22.

“Paraíso” era, a princípio, a palavra persa que designava um jardim público. Em Apocalipse, simboliza o estado escatológico em que Deus e os cristãos são restaurados à comunhão perfeita existente antes de o pecado entrar no mundo.

2.8-11 A maioria das cidades da “Ásia” do AT (ver nota nos v. 1-7) desapareceu, porém Esmirna é uma grande cidade ainda hoje (Izmir, na Turquia moderna), e Filadélfia existiu até a Idade Média.

A Esmirna dos dias de João era um porto na costa oriental da Ásia Menor, na parte superior do golfo no qual o rio Hermo desemboca, lugar bem protegido e ponto de junção natural de uma importante rota comercial terrestre que subia o vale do Hermo. A história primitiva de Esmirna foi marcada por altos e baixos. A cidade foi destruída pelos lídios em 627 a.C. e durante três séculos não ex-

cedeu o tamanho de uma vila. Foi fundada outra vez na metade de século IV a.C., depois que Alexandre capturou Sardes, e rapidamente se tornou a principal cidade da Ásia. Esmirna foi sagaz o suficiente para perceber que a estrela de Roma se erguia. Um perigo comum, a investida de Antíoco, o Grande, da Síria, uniu Esmirna e Roma no final do século III a.C., e os laços então estabelecidos permaneceram. Esmirna era, na verdade, a mais acessível das cabeças de ponte, balanceando o poder naval de Rodas, no mar Egeu. Esmirna refere-se à sua antiga aliança com Roma quando, em 26 d.C., a cidade faz uma petição a Tibério para que este permita à comunidade construir um templo para uma divindade. A permissão foi concedida, e Esmirna construiu o segundo templo da Ásia ao imperador. A cidade venerou Roma como poder espiritual desde 195 a.C., daí o orgulho histórico de Esmirna por seu culto a César (ver “O culto imperial”, em Mc 12).

Esmirna era famosa por sua ciência e medicina e pela majestade de suas construções. Apolônio de Tiana faz referência à “coroa de pórticos”, conjunto de belos edifícios públicos que cercavam o pico do monte Pagos como um diadema, daí a referência de João no versículo 10. Policarpo, bispo de Esmirna martirizado em 155 d.C., foi discípulo de João.

2.9 Sobre a “sinagoga de Satanás”, ver nota em 3.9; ver também “As sete igrejas da Ásia Menor”, em Ap 3.

2.10 Ver “Primeiras perseguições à Igreja”, em Ap 17.

A “coroa” aqui não é a cobertura usada pelo rei (cf. 12.3; 13.1; 19.12), e sim a grinalda ou coroa de folhas oferecida ao vencedor nas competições atléticas (3.11; 4.4,10; 6.2; 9.7; 12.1; 14.14; ver nota em 1Co 9.24-27). Para mais informações sobre o significado de “coroa” aplicado a Esmirna, ver nota em 2.8-11. Para uma comparação entre a coroa da vitória e a coroa real, ver nota em 12.3.

2.11 Em Esmirna, ser “vencedor” significava suportar perseguição (ver “Primeiras perseguições à Igreja”, em Ap 17). A doutrina judaica já identificava o martírio com a vitória, mas Apocalipse destaca a imagem do Leão triunfante como um Cordeiro morto (5.5,6,9,12).

LITERATURA APOCALÍPTICA FORA DA BÍBLIA

APOCALIPSE 2 Parte da literatura religiosa das fontes primitivas judaica e cristã é chamada “apocalíptica”. Tais escritos são caracterizados por visões e revelações concedidas por Deus a homens santos, e as visões geralmente são repletas de símbolos estranhos. A literatura apocalíptica surgiu na época do AT e pode ser vista em partes de Ezequiel e Zacarias e especialmente em Daniel. Apocalipse é o último grande livro apocalíptico da Bíblia, porém há muitos textos apocalípticos extrabíblicos, chamados “pseudoapocalípticos” porque são imitações de obras apocalípticas bíblicas como Daniel e Apocalipse. Importantes exemplos são os livros de *Enoque*, os *Oráculos sibilinos*, *2Baruque*, *4Esdras* e o *Apocalipse de Abraão*:

- ◆ *1Enoque*, que em sua forma atual consiste de 108 capítulos de várias visões que envolvem o patriarca Enoque, era um livro muito popular nas antigas comunidades judaica e cristã. É particularmente notável por sua elaboração de Gênesis 6, narrativa que Enoque interpreta como o cruzamento angélico com as mulheres humanas. A expansão de Enoque da narrativa de Gênesis 6 inclui uma descrição brilhante dos lugares de julgamento (e.g., *1Enoque*, 21 e 22) e a vinda do Reino de Deus (*1Enoque*, 45.93).
- ◆ Os *Oráculos sibilinos*, também de uso geral, contêm avultante julgamento escrito no estilo da profecia grega, porém baseada em textos bíblicos.
- ◆ *4Esdras* e *2Baruque* lidam, entre outras coisas, com as questões teológicas surgidas depois da queda de Jerusalém, em 70 d.C.¹ Ambos adotam a convenção de terem sido escritos logo após o **cativoiro babilônio**, mas as pistas contextuais deixam claro que são obras posteriores a 70 d.C. *4Esdras* é notável por suas considerações sobre o problema do mal, enquanto Esdras incessantemente pressiona um anjo a explicar por que as nações pagãs parecem triunfar sobre o povo escolhido de Deus.
- ◆ O *Apocalipse de Abraão* é a narrativa de uma viagem celestial feita pelo antepassado do povo judeu.

A palavra “apocalíptico” vem do termo grego para “desvelamento”. O elemento principal da literatura apocalíptica, comum no judaísmo primitivo, era o desvelamento de segredos por meio de mediadores celestiais. Esses segredos normalmente diziam respeito ao final dos tempos, quando Deus virá para julgar o mundo,² mas nos textos extrabíblicos essas visões podiam também incluir assuntos como as descrições pseudocientíficas dos caminhos das estrelas ou outros “mistérios” do mundo natural. Às vezes, o receptor dos segredos visionários era levado ao céu, enquanto em outras ocasiões

um anjo descia à terra com a revelação (e.g., *2Baruque*, 6.5,6). Apesar das imagens fulgurantes e até bizarras da literatura apocalíptica judaica, o livro de Apocalipse é notável pela forte concentração de tal simbolismo.

O Apocalipse de João não é uma obra isolada. De alguma forma, é similar à literatura extrabíblica já descrita. No entanto, o livro não se baseia em material apocalíptico extrabíblico, embora se aproprie de outras imagens apocalípticas da Bíblia, especialmente as de Daniel. A questão principal não é se Apocalipse é único em estilo, mas se reflete uma revelação autêntica. Alguns livros apenas imitam o estilo bíblico pela inclusão de imagens fantásticas e da repetição de frases comuns da Bíblia. A maioria das obras pseudoapocalípticas também era pseudopigráfica, atribuindo falsamente sua autoria a heróis antigos, como Abraão ou Baruque.³ Mas, com relação à originalidade, à amplitude da visão, ao modo refinado em que reúne uma sólida quantidade de teologia do AT e do NT e à natureza profunda de suas visões, o Apocalipse não tem igual.



O pergaminho da “visão de Daniel”, descoberto na genizá do Cairo, texto hebraico apocalíptico de uma página do século X (Império Bizantino) que contém profecias que teriam sido reveladas a Daniel

© Museu de Israel, Jerusalém

¹Ver “Josefo e a queda de Jerusalém”, em Mt 24.

²Ver “Escatologia judaica no século I d.C.”, em Rm 6.

³Ver “A Bíblia e a literatura pseudopigráfica”, em Jd.

Carta à Igreja de Pérgamo

2.12 ^aAp 1.11;
^bAp 1.16

2.13 ^aAp 14.12;
^bv. 9,24

2.14 ^av. 20;
^b2Pe 2.15;
^c1Co 6.13
2.15 ^av. 6

2.16 ^a2Ts 2.8;
^bAp 1.16

2.17 ^aJo 6.49,50;
^bIs 62.2; ^cAp 19.12

¹² “Ao anjo da igreja em Pérgamo,^a escreva:

“Estas são as palavras daquele que tem a espada afiada de dois gumes.^b ¹³ Sei onde você vive — onde está o trono de Satanás. Contudo, você permanece fiel ao meu nome e não renunciou à sua fé em mim,ⁱ nem mesmo quando Antipas, minha fiel testemunha, foi morto nessa cidade, onde Satanás habita.”

¹⁴ “No entanto, tenho contra você algumas coisas:^k você tem aí pessoas que se apegam aos ensinamentos de Balaão,^l que ensinou Balaque a armar ciladas contra os israelitas, induzindo-os a comer alimentos sacrificados a ídolos e a praticar imoralidade sexual.^m ¹⁵ De igual modo você tem também os que se apegam aos ensinamentos dos nicolaítas.ⁿ ¹⁶ Portanto, arrependa-se! Se não, virei em breve até você e lutarei contra eles com a espada da minha boca.^o

¹⁷ “Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas. Ao vencedor darei do maná escondido.^p Também lhe darei uma pedra branca com um novo nome^q nela inscrito, conhecido apenas por aquele que o recebe.”

Carta à Igreja de Tiatira

2.18 ^aAp 1.11;
^bAp 1.14,15

2.19 ^av. 2

2.20 ^a1Rs 16.31;
2.25; 2Rs 9.7

2.21 ^aRm 2.4;
^bAp 9.20

2.22 ^aAp 17.2;
18.9

2.23 ^a1Sm 16.7;
^bJr 11.20; ^cAt 1.24;
^dRm 8.27

¹⁸ “Ao anjo da igreja em Tiatira,^a escreva:

“Estas são as palavras do Filho de Deus, cujos olhos são como chama de fogo e os pés como bronze reluzente.ⁱ ¹⁹ Conheço as suas obras,^u o seu amor, a sua fé, o seu serviço e a sua perseverança, e sei que você está fazendo mais agora do que no princípio.

²⁰ “No entanto, contra você tenho isto: você tolera Jezabel,^v aquela mulher que se diz profetisa. Com os seus ensinamentos, ela induz os meus servos à imoralidade sexual e a comerem alimentos sacrificados aos ídolos. ²¹ Dei-lhe tempo^w para que se arrependesse da sua imoralidade sexual, mas ela não quer se arrepender.^x ²² Por isso, vou fazê-la adoeecer e trarei grande sofrimento aos que comem adulterio^y com ela, a não ser que se arrependam das obras que ela pratica. ²³ Matarei os filhos^z dessa mulher. Então, todas as igrejas saberão que eu sou aquele que sonda mentes e corações,^z

^o 2.23 Ou discípulos.

2.12-17 Pérgamo (atual Bergama), estava localizada no vale do Caico, 25 quilômetros para o interior. Majestosa e situada sobre uma colina em forma de cone, erguendo-se 305 metros acima do vale em volta, seu nome em grego significa “fortaleza”. Pérgamo foi capital da região até que os últimos reis de Pérgamo entregaram o reino a Roma, em 133 a.C., depois que ela se tornou a principal cidade da nova província da Ásia e local do primeiro templo de culto a César, erigido em honra de Roma e de Augusto em 29 a.C. (ver “O culto imperial”, em Mc 12). Um segundo santuário foi mais tarde dedicado a Trajano, e a multiplicação de tal honra assinalou o prestígio de Pérgamo na Ásia pagã. A veneração a Asclépio e a Zeus também era comum (ver “Os deuses dos gregos e dos romanos”, em Gl 4). O símbolo do primeiro era uma serpente, e Pausânias descreve a imagem cultuada como tendo “um bastão numa das mãos e a outra mão na cabeça de uma serpente”. As moedas de Pérgamo ilustram a importância que a comunidade dava a esse culto. Numa moeda, Caracala saía a serpente retorcida em torno de um ramo curvo de árvore.

No penhasco abaixo de Pérgamo, ficava um altar de Zeus em forma de trono (v. 13), que está hoje no museu de Berlim. Esse altar comemorava a vitória sobre uma invasão gálica e era decorado com uma representação do conflito entre os deuses e os gigantes, os últimos representados por monstros com caudas de serpentes. Para intensificar o horror cristão à obsessão de Pérgamo com a imagem em forma de serpente, Zeus era chamado “o Salvador”. É natural que os “nicolaítas” (ver nota no v. 6) tenham surgido num lugar em que a política e o paganismo eram aliados (v. 15), e a pressão sobre os cristãos deve ter sido muito forte.

Pérgamo, antigo centro de cultura, possuía uma biblioteca que rivalizava com a de Alexandria. O pergaminho (*charta Pergamena*) foi inventado em Pérgamo para livrar a biblioteca do invejoso boicote do Egito na exportação de papiro.

A “espada” aqui é uma espada comprida (ver nota em 1.16).

2.13 Antipas foi o primeiro mártir da Ásia. Segundo a tradição, foi assassinado lentamente até morrer num caldeirão de bronze, durante o reinado de Domiciano (81-96 d.C.).

2.15 Para mais informações sobre os nicolaítas, ver nota no v. 6.

2.16 A “espada” aqui é uma espada comprida (ver nota em 1.16).

2.17 Certos tipos de pedras eram usados como símbolos de várias coisas. No contexto do banquete messiânico, a pedra branca provavelmente tinha por objetivo a entrada.

Sobre o “novo nome”, ver notas em Gn 1.5 e 17.5.

2.18-29 Tiatira (atual Akhisar), cidade da província da Ásia, na fronteira da Lídia e da Mísia, não tem uma história ilustre e é poucas vezes mencionada pelos escritores antigos. Foi fundada por Selêuco I (311-280 a.C.) como posto militar avançado. As moedas indicam que, por estar situada numa estrada importante, que ligava dois vales de rios, Tiatira foi cidade-fortaleza por muitos séculos. Sua antiga divindade era uma figura anatólia em forma de guerreiro armado com um machado de batalha e montado num cavalo de guerra. Uma curiosa moeda retrata uma divindade feminina com uma coroa militar provida de seteiras.

A cidade de Tiatira era um centro de comércio, e seus relatos preservam referências a companhias de comércio em maior número que os de qualquer outra cidade asiática. Lídia, que Paulo encontrou em Filipos, proveniente de Tiatira, era uma vendedora de “púrpura”, produto da raiz de uma planta tintorial (At 16.14). É curioso encontrar outra mulher, Jezabel, apelidada assim por causa da princesa que com o casamento selou a parceria comercial de Acabe com os fenícios e que liderava um partido liberal na igreja de Tiatira (Ap 2.20-24; ver nota no v. 20). A oferta de sociedade nas companhias comerciais induzia os cristãos de Tiatira a serem transigentes e a abrir a porta para muitas tentações. Tiatira exerceu um papel significativo na história posterior da igreja.

2.20 Os lojistas e artesãos arriscavam perder seus rendimentos quando recusavam associar-se às companhias, cujos encontros consistiam de refeições dedicadas às divindades patronas (ver “Os restaurantes do templo” e a comida sacrificada aos ídolos”, em 1Co 8, e “Primeiras perseguições à Igreja”, em Ap 17). Aspectos da veneração ao imperador também afetavam quase todas as companhias (ver “O culto imperial”, em Mc 12). Essa situação, provavelmente, contribuiu com o apelo de Jezabel. Os falsos profetas afirmavam oferecer “profundos segredos” (v. 24) e assim enganavam e corrompiam o povo de Deus, defendendo a participação na vida comercial e cívica locais, não obstante o inevitável compromisso com o paganismo.

2.22 A doença era muitas vezes considerada um castigo justo pelos pecados.

2.23 As “mentes” (lit. “rins”) aqui provavelmente indicam a vontade as afeições, e o termo “corações” pode designar o centro da vida racional (ver notas em Sl 7.9; 139.13; ver também “Coração, fôlego, garganta e intestinos: antropologia hebraica antiga”, em Pv 6).

e retribuirei a cada um de vocês de acordo com as suas obras. ²⁴ Aos demais que estão em Tiatira, a vocês que não seguem a doutrina dela e não aprenderam, como eles dizem, os profundos segredos de Satanás, digo: Não porei outra carga sobre vocês;^a ²⁵ tão somente apeguem-se com firmeza ao que vocês têm,^b até que eu venha.

²⁶ “Àquele que vencer e fizer a minha vontade até o fim darei autoridade sobre as nações.” 2.24 ^aAt 15.28

²⁷ “Ele as governará com cetro de ferro^d e as despedaçará como a um vaso de barro.”^e 2.25 ^bAp 3.11
2.26 ^cSl 2.8;
Ap 3.21
2.27 ^dAp 12.5;
^eIs 30.14; Jr 19.11

²⁸ “Eu lhe darei a mesma autoridade que recebi de meu Pai. Também lhe darei a estrela da manhã.”^f ²⁹ Aquele que tem ouvidos ouça^g o que o Espírito diz às igrejas. 2.28 ^fAp 22.16
2.29 ^gv. 7

Carta à Igreja de Sardes

3 “Ao anjo da igreja em Sardes, escreva:

“Estas são as palavras daquele que tem os sete espíritos^h de Deus e as sete estrelas.ⁱ Conheço as suas obras;^j você tem fama de estar vivo, mas está morto.”^k ² Esteja atento! Fortaleça o que resta e que estava para morrer, pois não achei suas obras perfeitas aos olhos do meu Deus. ³ Lembre-se, portanto, do que você recebeu e ouviu; obedeça e arrependa-se.^l Mas, se você não estiver atento, virei como um ladrão^m e você não saberá a que hora virei contra você.

⁴ “No entanto, você tem aí em Sardes uns poucos que não contaminaram as suas vestes.”ⁿ Eles andarão comigo, vestidos de branco,^o pois são dignos. ⁵ O vencedor será igualmente vestido de branco. Jamais apagarei o seu nome do livro da vida,^p mas o reconhecerei diante do meu Pai^q e dos seus anjos. ⁶ Aquele que tem ouvidos ouça^r o que o Espírito diz às igrejas. 3.1 ^hAp 1.4;
ⁱAp 1.16; ^jAp 2.2;
^k1Tm 5.6
3.3 ^lAp 2.5;
^m2Pe 3.10
3.4 ⁿJd 23;
^oAp 4.4; 6.11;
7.9; 13.14
3.5 ^pAp 20.12;
^qMt 10.32
3.6 ^rAp 2.7

Carta à Igreja de Filadélfia

⁷ “Ao anjo da igreja em Filadélfia,^s escreva:

“Estas são as palavras daquele que é santo e verdadeiro,^t que tem a chave de Davi.^u O que ele abre ninguém pode fechar, e o que ele fecha ninguém pode abrir.”^v ⁸ Conheço as suas obras. Eis que coloquei diante de você uma porta aberta^w que ninguém pode fechar. Sei que você tem pouca força, mas guardou a minha palavra e não negou o meu nome.^x ⁹ Veja o que farei com aqueles que são sinagoga de Satanás^y e que se dizem judeus e não são, mas são mentirosos. Farei que se prostrem aos seus pés^z e reconheçam que eu o amei.^{aa} ¹⁰ Visto que você guardou a minha palavra de exortação à perseverança, eu também o guardarei^{ab} da hora da provação que está para vir sobre todo o mundo, para pôr à prova^b os que habitam na terra.^c 3.7 ^sAp 1.11;
^tJd 5.20;
^uIs 22.22; Mt 16.19
3.8 ^vAt 14.27;
^wAp 2.13
3.9 ^xAp 2.9;
^yIs 49.23; ^zIs 43.4
3.10 ^{aa}2Pe 2.9;
^{ab}Ap 2.10; ^{ac}Ap 6.10;
17.8

¹¹ “Venho em breve! Retenha o que você tem,^d para que ninguém tome a sua coroa.”^e ¹² Farei do vencedor uma coluna^f no santuário do meu Deus, e dali ele jamais sairá. Escreverei nele o nome

^a 2.27 Sl 2.9.

2.24 O gnosticismo posterior (ver “Os gnósticos e seus escritos sagrados”, em 1Jo 4) ensinava que, para derrotar Satanás, era necessário entrar em sua fortaleza, ou seja, ter profunda experiência com o mal.

2.27 “Governará” (lit. “pastoreará”) é uma metáfora comum para os governantes (ver notas em Sl 23.1; Is 44.28).

3.1-6 Sardes (atual Sart), capital do antigo reino da Lídia, era uma cidade de grandes riquezas e de fama. Sua acrópole, uma cidadela natural no esporão norte do monte Tmolo, ficava 457 metros acima do vale em que estava situada. Sardes era caracterizada por um paganismo sofisticado. O fato de a perseguição não ser mencionada provavelmente reflete a condição segura da comunidade judaica. Os seguidores de Jesus coexistiam pacificamente com a comunidade da sinagoga e com a elite governante da cidade. Desacostumados com a oposição, eles se acomodaram em sua relação com o mundo. Seu estado espiritual (indiferença) impedia-os de perceber que o poder da ressurreição de Jesus estava à disposição deles.

3.7-13 A cidade lídia de Filadélfia (atual Alashehir) foi fundada por Átalo II Filadelfo (159-138 a.C.), conhecido por sua devoção ao seu irmão Eumenes. Seu nome, que significa “amor fraternal”, foi perpetuado na cidade. Filadélfia era de grande importância comercial: sua localização fazia dela a porta de entrada do elevado planalto central da província romana da Ásia, na Ásia Menor. Filadélfia, posto militar avançado do helenismo na nativa Anatólia, está situada abaixo do monte Tmolo, num amplo espaço que se abre no vale do Hermo e ao lado do qual corre a estrada. Sua localização numa colina larga, baixa e de fácil defesa explica a longa resistência da cidade contra os turcos.

O distrito é desastrosamente sísmico, e o grande terremoto de 17 d.C. destruiu a cidade completamente. Localizada diretamente em cima da falha, Filadélfia foi sacudida durante vinte anos por abalos recorrentes depois da calamidade. Segundo o historiador bíblico William Ramsay, daí se extrairam as imagens do versículo 12. O “novo nome” nesse versículo é, sem dúvida, uma referência à proposta de trocar o nome da cidade para Neocesareia, em gratidão à ajuda generosa de Tibério no terremoto.

O distrito era uma área de cultivo de uvas e de produção de vinho e, portanto, um centro de adoração a Dionísio, o deus do vinho e da fertilidade (ver “O culto a Dionísio”, em Ef 5).

Os cristãos da igreja de Filadélfia assemelhavam-se aos cristãos judeus a quem João escreveu seu evangelho. Provavelmente, muitos haviam sido expulsos de suas sinagogas (ver notas em Jo 9.22; 1Tm 1.20). O testemunho cristão, apesar da invasão e da pressão muçulmanas, se manteve em Filadélfia desde a era medieval até os tempos atuais.

3.9 “Sinagoga de Satanás” é uma metáfora marcante, dirigida contra os judeus incrédulos e hostis (ver 2.9; ver também “As sete igrejas da Ásia Menor”, em Ap 3). A sinagoga judaica era local de reuniões para adoração, estudo e atividades comunitárias (ver notas em Mc 1.21; Lc 21.12). Prostrar-se aos pés de alguém era um ato de adoração no Oriente Médio.

3.12 Sobre a “coluna no santuário”, ver nota em 7.15. Os nomes revelavam o caráter da pessoa. O novo nome de Cristo simboliza tudo que ele é pela virtude de sua obra redentora a favor da humanidade.



NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

As sete igrejas da Ásia Menor

APOCALIPSE 3 As sete igrejas mencionadas em Apocalipse 1—3 estavam todas localizadas na província romana da Ásia (Turquia Oriental), diante da ilha de Patmos, na qual João recebeu sua revelação.¹ Embora seja provável que na época existissem outras igrejas na região, João parece ter escolhido essas sete porque elas formavam uma rota natural para o pregador itinerante, que iniciava em Éfeso² e seguia no sentido horário por Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia (todas no mapa 13). Ao mesmo tempo, em razão do interesse de João por números, não é coincidência a escolha de sete igrejas. Nas Escrituras, o número sete geralmente simboliza totalidade ou plenitude (como os sete dias da semana da Criação), e a implicação aqui é que a mensagem de João não se restringe a essas sete igrejas: é relevante para a Igreja universal.

Esforços têm sido feitos para amarrar as informações contidas nas sete mensagens ao ambiente histórico de cada cidade. Na maior parte, a linguagem de João é genérica (e carregada com imagens do AT) para permitir uma identificação exata, mas a arqueologia e a história podem lançar luz sobre algumas questões:



Arcos de Esmirna

Preserving Bible Times, © dr. James C. Martin

✚ A referência à “sinagoga de Satanás” (2.9; 3.9) não é um ataque geral contra o judaísmo, e sim uma referência aos judeus que denunciavam os cristãos ao governo romano, por isso os denunciantes não eram “verdadeiros judeus”. Uma vez que os judeus eram isentos de participar do culto imperial (adoração ao imperador), isso abria a possibilidade de os cristãos serem perseguidos por sua não participação.³ João afirma que,

apesar de os fiéis cristãos serem renegados pela sinagoga “oficial”, Deus os reconhecia como seu povo.

✚ O “trono” de Satanás em Pérgamo (2.13) provavelmente é uma referência à posição da cidade como centro do culto imperial (alguns sugerem que o templo imperial se parecia como um trono).

✚ Filadélfia sofreu um grande terremoto em 17 d.C. Os danos foram tão graves que o povo teve de se transferir para os arredores da cidade por vários anos. A promessa aos filadelfenses: “Farei do vencedor uma coluna no santuário do meu Deus, e dali ele jamais sairá” (3.12) teria significado óbvio à luz desse contexto.

✚ Em 3.16, a igreja de Laodiceia é denunciada por ser “morna” — nem quente nem fria. Havia fontes termais bem conhecidas em Hierápolis, a apenas 9,7 quilômetros de Laodiceia, e um bom suprimento de água fria e corrente nas proximidades de Colossos.⁴ O suprimento de água potável de Laodiceia, entretanto, parece que era morno e escasso — um símbolo poderoso da ineficiência eclesial daquela congregação.



Templo de Serápis em Pérgamo

Foto: © Todd Bolten/Bible Places.com

¹Ver “Patmos”, em Ap 1. ²Ver “História primitiva de Éfeso”, em 2Tm 1; e “Éfeso nos tempos de Paulo”, em 2Tm 4. ³Ver “O culto imperial”, em Mc 12. ⁴Ver “Colossos”, em Cl 1.

do meu Deus⁸ e o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém,^h que desce dos céus da parte de Deus; e também escreverei nele o meu novo nome. ¹³ Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas.

Carta à Igreja de Laodiceia

¹⁴ “Ao anjo da igreja em Laodiceia, escreva:

3.14 Cl 1.16, 18

“Estas são as palavras do Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o soberano da criação de Deus.ⁱ ¹⁵ Conheço as suas obras, sei que você não é frio nem quente.^j Melhor seria que você fosse frio ou quente! ¹⁶ Assim, porque você é morno, não é frio nem quente, estou a ponto de vomitá-lo da minha boca. ¹⁷ Você diz: ‘Estou rico, adquiri riquezas e não preciso de nada’.^k Não reconhece, porém, que é miserável, digno de compaixão, pobre, cego, e que está nu. ¹⁸ Dou este conselho: Compre de mim ouro refinado no fogo, e você se tornará rico; compre roupas brancas e vista-se para cobrir a sua vergonhosa nudez;^l e compre colírio para ungir os seus olhos e poder enxergar.

3.15 Rm 12.11

¹⁹ “Repreendo e disciplino^m aqueles que eu amo. Por isso, seja diligente e arrependa-se.ⁿ ²⁰ Eis que estou à porta^o e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta,^p entrarei^q e cearei com ele, e ele comigo.

3.17 *Os 12.8;
1Co 4.8
3.18 *Ap 16.15

²¹ “Ao vencedor darei o direito de sentar-se comigo em meu trono,^r assim como eu também venci^s e sentei-me com meu Pai em seu trono. ²² Aquele que tem ouvidos ouça^t o que o Espírito diz às igrejas”.

3.19 *Pv 3.12;
Hb 12.5, 6; *Ap 2.5
3.20 *Mt 24.33;
Mt 12.36; *Jo 14.23
3.21 *Mt 19.28;
*Ap 5.5
3.22 *Ap 2.7

O Trono no Céu

4 Depois dessas coisas olhei, e diante de mim estava uma porta aberta no céu. A voz que eu tinha ouvido no princípio, falando comigo como trombeta,^u disse: “Suba para cá,^v e mostrarei a você o que deve acontecer depois dessas coisas”.^w ² Imediatamente me vi tomado pelo Espírito,^x e diante de mim estava um trono no céu^y e nele estava assentado alguém. ³ Aquele que estava assentado era de aspecto semelhante a jaspe e sardônio. Um arco-íris,^z parecendo uma esmeralda, circundava o trono, ⁴ ao redor do qual estavam outros vinte e quatro tronos, e assentados neles havia vinte e quatro anciãos.^a Eles estavam vestidos de branco^b e na cabeça tinham coroas de ouro. ⁵ Do trono saíam relâmpagos, vozes e trovões.^c Diante dele estavam acesas sete lâmpadas^d de fogo, que são os sete espíritos^e de Deus. ⁶ E diante do trono havia algo parecido com um mar de vidro,^f claro como cristal.

4.1 *Ap 1.10;
*Ap 11.12;
*Ap 1.19

4.2 *Ap 1.10;
*Is 6.1; Ez 1.26-28;
Dn 7.9
4.3 *Ez 1.28
4.4 *Ap 11.16;
*Ap 3.4.5

4.5 *Ap 8.5; 16.18;
*Zc 4.2; *Ap 1.4

4.6 *Ap 15.2;
*Ez 1.5

No centro, ao redor do trono, havia quatro seres viventes^g cobertos de olhos, tanto na frente como atrás. ⁷ O primeiro ser parecia um leão, o segundo parecia um boi, o terceiro tinha rosto como de

4.7 *Ez 1.10; 10.14

3.14-22 A cidade de Laodiceia, que fica perto da atual Denizli, foi fundada por Antíoco II (261-246 a.C.). Nos tempos romanos, era a cidade mais rica da Frígia e a principal do “circuito” das “sete igrejas na província da Ásia” (1.4). Estava situada numa das mais importantes rotas comerciais, o que assegurava sua prosperidade comercial. Laodiceia era um centro bancário importante (em 5 a.C., Cícero, a caminho de sua província siciliana, retirou dinheiro ali), e sem dúvida foram esses ricos estabelecimentos bancários que, em 60 d.C., financiaram a reconstrução da cidade após o grande terremoto que a destruiu. Autossuficiente, Laodiceia recusou ajuda do Senado na ocasião.

O vale do Lico produzia uma lã negra brilhante, fonte de mantos e tapetes negros pelos quais a cidade era conhecida. Laodiceia foi também o lar da escola de medicina e da manufatura de colírio, conhecido remédio para os olhos. A insolência representada por essas imagens na carta apocalíptica baseava-se, obviamente, nessas atividades. Também há uma referência à água morna e carregada de bicarbonato de sódio que vinha de Hierápolis, cujas fontes termais fluíam na direção do rio Maeander. William Ramsay acredita que a posição da cidade e a riqueza fácil levaram a comunidade a desenvolver um espírito de transigência e uma mentalidade mundana condenável em Apocalipse. Sob o reinado de Diocleciano, Laodiceia, ainda próspera, tornou-se a principal cidade da província da Frígia.

3.16 “Quente” pode ser uma referência às águas térmicas e medicinais da vizinha Hierápolis (ver “As sete igrejas da Ásia Menor”, em Ap 3; ver também nota nos v. 14-22). Na época, a água era encanada de Hierápolis a Laodiceia, e era morna.

3.18 Esse versículo menciona três elementos de que Laodiceia muito se orgulhava: riquezas financeiras, forte indústria têxtil e um famoso colírio (ver nota nos v. 14-22).

3.20 Jesus não estava rejeitando esses cristãos. Ele queria, na verdade, cear com eles — imagem associada à intimidade no mundo antigo (ver “Refeições judaicas e hábitos alimentares”, em Mt 9). Durante os anos de seu ministério, convidar Jesus para uma refeição era um gesto de hospitalidade comum, mesmo da parte de um conhecido.

4.2 A imagem de Deus a governar de seu trono no céu é característica corrente do AT (e.g., Sl 47.8; ver “Tronos no mundo antigo”, em Sl 99).

4.3 Ver “Pedras preciosas do mundo bíblico”, em Is 54.

4.5 Fenômenos naturais impressionantes são símbolos da majestade e do poder de Deus (ver “Deuses da tempestade, imagem e teofania da tempestade”, em Sl 18).

4.6 O “mar de vidro” pode ser a bacia do templo celestial, cujo equivalente no templo terreno era chamado “mar” (1Rs 7.23-25). Outras características do templo no céu são: as lâmpadas (Ap 4. 5), o altar (6.9), o altar do incenso (8.3) e a arca da aliança (11.19; ver “O tabernáculo e a arca”, em Ex 40; “O templo de Salomão e outros templos antigos”, em 1Cr 29; “Os chifres do altar”, em Sl 118; “O templo de Herodes”, em Mc 11).

Sobre a expressão “claro como cristal”, ver nota em Jô 28.17.

Ezequiel, numa visão, também viu quatro seres viventes (ver Ez 1.6, 10; ver também nota em Ez 1.5), que ele chama “querubins” em Ez 10.15. Em Apocalipse, os quatro seres viventes têm seis asas cada um (Ap 4.8), característica dos serafins de Is 6.2, 3. Os quatro seres viventes, com características dos querubins e dos serafins, são retratados como um grupo exaltado de seres angélicos, cuja tarefa é guardar o trono celestial e conduzir o louvor e a adoração a Deus (ver “Anjos e espíritos guardiões na Bíblia e no antigo Oriente Médio”, em Zc 1).

4.8 Is 6.2;
Is 6.3; Ap 1.8;
Ap 1.4

homem, o quarto parecia uma águia em voo.^h ⁸ Cada um deles tinha seis asasⁱ e era cheio de olhos, tanto ao redor como por baixo das asas. Dia e noite repetem sem cessar:

“Santo, santo, santo
é o Senhor, o Deus todo-poderoso^j
que era, que é e que há de vir”^k

4.9 Is 47.8

⁹ Toda vez que os seres vivos dão glória, honra e graças àquele que está assentado no trono^l e que vive para todo o sempre, ¹⁰ os vinte e quatro anciãos^m se prostram diante daqueleⁿ que está assentado no trono^o e adoram aquele que vive para todo o sempre. Eles lançam as suas coroas diante do trono e dizem:

4.11 Ap 5.12;
Ap 10.6

¹¹ “Tu, Senhor e Deus nosso,
és digno de receber
a glória, a honra e o poder,^p
porque criaste todas as coisas,
e por tua vontade elas existem
e foram criadas”^q

4.11 Segundo a tradição judaica, Deus criou o mundo por causa da humanidade e, especificamente, para Israel, mas os cristãos veem o objetivo final na obra salvífica de Cristo. O imperador Domiciano exigia adoração como “senhor e deus”, mas os coros celestiais de anjos e os

redimidos aclamam o verdadeiro “Senhor e Deus” — aquele que criou o Universo e o governa.

5.1 Sobre o “rolo”, ver nota em 1.1; ver também “Materiais de escrita no mundo antigo”, em 3Jo; e “Rolos, selos e códices”, em Ap 5.

TEXTOS E ARTEFATOS ANTIGOS

Rolos, selos e códices

APOCALIPSE 5 O que é o “livro” mencionado em Apocalipse 5? Os códices são similares aos livros modernos, com lombada e folhas. Eles existiam na época em que João escreveu e eram populares na comunidade cristã. Folhas de **papiro** ou de pergaminho eram dobradas umas sobre as outras e costuradas juntas para produzir o códice.¹

Entretanto, na época de João, o “livro” ainda remetia ao rolo, feito de papiro ou de pergaminho, e é muito provável que João esteja se referindo a isso em Apocalipse 5. Folhas de papiro (cerca de 20) eram coladas para formar um rolo de aproximadamente 9 metros de comprimento. Da expressão “escrito

de ambos os lados” (v. 1; cf. Ez 2.10, a que João está aludindo) podemos concluir que se tratava de um opistógrafo (rolo escrito na frente e no verso).

Para prevenir adulterações e leituras indesejáveis, os rolos eram selados com a marca do dono sobre argila. João talvez tivesse em mente os testamentos romanos, às vezes selados por sete testemunhas e levados a cabo após a morte do testador. Também é possível que o número sete (“sete selos”, Ap 5.1), nesse contexto, indique apenas um desvelamento dramático dos acontecimentos.



Códice do Novo Testamento Grego, aberto em Marcos 1; Grécia, c. 1300 d.C.

¹Ver “Materiais de escrita no mundo antigo”, em 3Jo.

O Livro e o Cordeiro

5 Então vi na mão direita daquele que está assentado no trono^r um livro em forma de rolo, escrito de ambos os lados^s e selado^t com sete selos. **2** Vi um anjo poderoso, proclamando em alta voz: “Quem é digno de romper os selos e de abrir o livro?” **3** Mas não havia ninguém, nem no céu, nem na terra, nem debaixo da terra, que pudesse abrir o livro ou sequer olhar para ele. **4** Eu chorava muito, porque não havia ninguém que fosse digno de abrir o livro e de olhar para ele. **5** Então um dos anciãos me disse: “Não chore! Eis que o Leão^u da tribo de Judá, a Raiz de Davi,^v venceu para abrir o livro e os seus sete selos”.

6 Depois vi um Cordeiro,^w que parecia ter estado morto, em pé, no centro do trono, cercado pelos quatro seres viventes e pelos anciãos. Ele tinha sete chifres e sete olhos,^x que são os sete espíritos de Deus enviados a toda a terra. **7** Ele se aproximou e recebeu o livro da mão direita daquele que estava assentado no trono.^y **8** Ao recebê-lo, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro. Cada um deles tinha uma harpa^z e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações^a dos santos; **9** e eles cantavam um cântico novo:^b

“Tu és digno^c de receber o livro
e de abrir os seus selos,
pois foste morto
e com teu sangue^d compraste^e para Deus
gente de toda tribo, língua, povo e nação.
10 Tu os constituíste reino e sacerdotes^f
para o nosso Deus,
e eles reinarão sobre a terra”.

11 Então olhei e ouvi a voz de muitos anjos, milhares de milhares e milhões de milhões.^g Eles rodeavam o trono, bem como os seres viventes e os anciãos, **12** e cantavam em alta voz:

“Digno é o Cordeiro que foi morto
de receber poder, riqueza, sabedoria, força,
honra, glória e louvor!”^h

13 Depois ouvi todas as criaturas existentes no céu, na terra, debaixo da terraⁱ e no mar, e tudo o que neles há, que diziam:

“Àquele que está assentado no trono
e ao Cordeiro^j sejam o louvor, a honra,
a glória e o poder, para todo o sempre!”^k

14 Os quatro seres viventes disseram: “Amém”,^l e os anciãos prostraram-se e o adoraram.^m

Os Selos

6 Observei quando o Cordeiroⁿ abriu o primeiro dos sete selos.^o Então ouvi um dos seres viventes^p dizer com voz de trovão:^q “Venha!” **2** Olhei, e diante de mim estava um cavalo branco.^r Seu cavaleiro empunhava um arco, e foi-lhe dada uma coroa;^s ele cavalgava como vencedor determinado a vencer.^t

3 Quando o Cordeiro abriu o segundo selo, ouvi o segundo ser vivente^u dizer: “Venha!” **4** Então saíu outro cavalo; e este era vermelho.^v Seu cavaleiro recebeu poder para tirar a paz da terra^w e fazer que os homens se matassem uns aos outros. E lhe foi dada uma grande espada.

Como as tábuas de pedra do código da aliança do AT, esse rolo era escrito de ambos os lados. As fibras do rolo de papiro corriam horizontalmente na parte de dentro, o que tornava a escrita mais fácil desse lado que no lado reverso, cujas fibras eram verticais. Por essa razão, os antigos costumavam escrever apenas no lado de dentro, usando o verso apenas quando ficavam sem espaço. Os documentos legais eram geralmente concluídos com uma lista de testemunhas e selados com cera sobre as cordas que amarravam o rolo. As testemunhas imprimiriam os selos na cera, os quais restringiam o conteúdo aos destinatários do documento que então estava autêntico e atestado por elas.

5.6 A ideia do cordeiro como líder militar vitorioso parece originar-se da tradição apocalíptica (*1 Enoque*, 90.9; *Testamento de José*, 19.8; ver “Literatura apocalíptica fora da Bíblia”, em Ap 2).

O chifre é um antigo símbolo judaico de força e poder (cf. Dt 33.17). Sere chifres simbolizavam poder absoluto.

5.8 A harpa era um instrumento de cordas usado especialmente para acompanhar os cânticos (ver Sl 33.2; ver também “Instrumentos musicais antigos”, em Sl 5).

A “taça” mencionada aqui era rasa e chata, usada para guardar incenso — característica do ritual hebreu (ver “Incenso”, em Jr 11).

No pensamento judaico posterior, como em Tobias 12.15 e *3 Baruque*, 11 (ambos livros apócrifos), os anjos muitas vezes são responsáveis por apresentar as orações dos santos a Deus.

5.9,10 Ver “Hinódia cristã primitiva”, em Tg 5.

^{5.1} v. 7.13;
^tEz 2.9.10;
^{ts}29.11; Dn 12.4

^{5.5} Gn 49.9;
^{vs}11.1,10;
^{Rm}15.12;
^{Ap}22.16

^{5.6} wJo 1.29;
^zZc 4.10

^{5.7} w. 1
^{5.8} Ap 14.2;
^{si}141.2
^{5.9} si 40.3;
^{Ap}4.11; ^{hb}9.12;
^{1Co}6.20

^{5.10} 1Pe 2.5

^{5.11} Dn 7.10;
^{Hb}12.22
^{5.12} Ap 4.11

^{5.13} v. 3;
^{Fp}2.10; ^{Ap}6.16;
^{1Cr}29.11

^{5.14} Ap 4.9;
^mAp 4.10; 19.4

^{6.1} Ap 5.6;
^{Ap}5.1; ^{Ap}4.6.7;
^{Ap}14.2; 19.6
^{6.2} zc 6.3;
^{Ap}19.11; ^{zc}6.11;
^{Ap}14.14; ^{Sl}45.4
^{6.3} Ap 4.7
^{6.4} zc 6.2;
^{wMt}10.34

6.5 *Ap 4.7;
12c 6.2
6.6 *Ap 4.6,7;
*Ap 9.4

6.7 *Ap 4.7
6.8 *2c 6.3;
*Os 13.14;
*Jr 15.2,3;
Ez 5.12,17

6.9 *Ap 14.18;
16.7; *Ap 20.4
6.10 *2c 1.12;
*Ap 3.7; *Ap 19.2

6.11 *Ap 3.4;
*Hb 11.40

6.12 *Ap 16.18;
*Mt 24.29;
6.13 *Mt 24.29;
*Ap 8.10; 9.1;
*Pls 34.4
6.14 *Jr 4.24;
*Ap 16.20

6.15 *Is 2.10,19,21
6.16 *Os 10.8;
*Lc 23.30

6.17 *Sl 1.14,15;
*Ap 16.14; *Sl 7.7

⁵ Quando o Cordeiro abriu o terceiro selo, ouvi o terceiro ser vivente^x dizer: “Venha!” Olhei, e diante de mim estava um cavalo preto.^y Seu cavaleiro tinha na mão uma balança. ⁶ Então ouvi o que parecia uma voz entre os quatro seres viventes,^z dizendo: “Um quilo^a de trigo por um denário^b e três quilos de cevada por um denário, e não danifique^a o azeite e o vinho!”

⁷ Quando o Cordeiro abriu o quarto selo, ouvi a voz do quarto ser vivente^b dizer: “Venha!” ⁸ Olhei, e diante de mim estava um cavalo amarelo.^c Seu cavaleiro chamava-se Morte, e o Hades^d o seguia de perto. Foi-lhes dado poder sobre um quarto da terra para matar pela espada, pela fome, por pragas e por meio dos animais selvagens da terra.^e

⁹ Quando ele abriu o quinto selo, vi debaixo do altar^f as almas daqueles que haviam sido mortos^g por causa da palavra de Deus e do testemunho que deram. ¹⁰ Eles clamavam em alta voz: “Até quando,^h ó Soberano, santo e verdadeiro,ⁱ esperarás para julgar os habitantes da terra e vingar o nosso sangue?”

¹¹ Então cada um deles recebeu uma veste branca,^k e foi-lhes dito que esperassem um pouco mais, até que se completasse o número dos seus conservos e irmãos que deveriam ser mortos como eles.^l

¹² Observei quando ele abriu o sexto selo. Houve um grande terremoto.^m O sol ficou escuroⁿ como tecido de crina negra, toda a lua tornou-se vermelha como sangue, ¹³ e as estrelas do céu caíram sobre a terra^o como figos verdes caem da figueira^p quando sacudidos por um vento forte. ¹⁴ O céu se recolheu como se enrola um pergaminho, e todas as montanhas e ilhas foram removidas de seus lugares.^q

¹⁵ Então os reis da terra, os príncipes, os generais, os ricos, os poderosos — todos, escravos e livres, se esconderam em cavernas e entre as rochas das montanhas.^r ¹⁶ Eles gritavam às montanhas e às rochas: “Caíam sobre nós^s e escondam-nos da face daquele que está assentado no trono e da ira do Cordeiro! ¹⁷ Pois chegou o grande dia^t da ira deles; e quem poderá suportar?”^u

Cento e Quarenta e Quatro Mil Selados

7.1 *Dn 7.2

7 Depois disso vi quatro anjos em pé nos quatro cantos da terra, retendo os quatro ventos,^v para impedir que qualquer vento soprasse na terra, no mar ou em qualquer árvore. ² Então vi outro anjo subindo do Oriente, tendo o selo do Deus vivo. Ele bradou em alta voz aos quatro anjos a quem havia sido dado poder para danificar a terra e o mar: ³ “Não danifiquem^w nem a terra, nem o mar, nem as árvores até que selemos as testas^x dos servos do nosso Deus”. ⁴ Então ouvi o número^y dos que foram selados: cento e quarenta e quatro mil,^z de todas as tribos de Israel.

⁵ Da tribo de Judá
foram selados doze mil;
da tribo de Rúben, doze mil;
da tribo de Gade, doze mil;

⁶ da tribo de Aser, doze mil;
da tribo de Naftali, doze mil;
da tribo de Manassés, doze mil;

^a 6.6 Grego: *choinix*.

^b 6.6 O denário era uma moeda de prata equivalente à diária de um trabalhador braçal.

^c 6.8 Essa palavra pode ser traduzida por *inferno*, *sepulcro*, *morte* ou *profundezas*.

6.4 Sobre a “espada”, ver nota em 1.16.

6.5 A “balança” era um braço com escalas penduradas nas extremidades. Os pesos mais antigos eram pedras (ver nota em Pv 16.11).

6.6 Uma medida de trigo alimentava uma única pessoa, enquanto três medidas da cevada, menos nutritiva, não eram o bastante para uma família pequena. A carestia elevou os preços dez vezes acima do normal.

6.8 Sobre o Hades, ver “Sheol, Hades, Géna, Abismo e Tártaro: imagens do inferno”, em Sl 139; ver também nota em 1.18.

6.9 No ritual do AT, o sangue do animal sacrificado era derramado na base do altar (Êx 29.12; Lv 4.7).

6.10 Sobre atitudes de vingança contra os inimigos, ver nota em Sl 69.22-28; ver também “Maldições e imprecacões”, em Sl 83.

6.11 Segundo o pensamento judaico, Deus governa o mundo de acordo com um cronograma predeterminado (2Esdras 4.35-37, livro apócrifo jamais aceito no cânon protestante) e que o fim só ocorrerá após a morte de certo número de justos (1Enoque, 47.4).

Sobre os “irmãos”, ver nota em Rm 1.13.

6.12 Sobre o “tecido de crina negra” (pano de saco), ver nota em Jó 16.15; ver também “Pano de saco e cinzas: rituais de lamentação”, em Sl 30.

6.13 Os figos verdes aparecem no inverno e são facilmente soprados da árvore, que nessa estação não tem folhas.

6.15 O general era o oficial romano que comandava uma corte de cerca de mil homens. Sobre o termo “livres”, ver “Trabalho e bem-estar no mundo antigo”, em 2Ts 3.

7.2 Na Antiguidade, os documentos eram dobrados e amarrados, e uma massa de argila envolvia o nó. O remetente então carimbava a argila, antes que ela endurecesse, com seu sinete ou com um selo cilíndrico, que autenticava e protegia o conteúdo (ver “Rolos, selos e códices”, em Ap 5). O lacre do capítulo 7 resulta no fato de o nome do Senhor ser carimbado na testa de seus seguidores (ver 9.4; 14.1; cf. 22.4). Sobre o antecedente, ver Ez 9.4, em que a marca é a letra hebraica *tau*, feita como um “x” ou com um “+” (ver nota nesse versículo). O objetivo primário aqui é proteger o povo de Deus nos juízos vindouros.

- ⁷ da tribo de Simeão, doze mil;
- da tribo de Levi, doze mil;
- da tribo de Issacar, doze mil;
- ⁸ da tribo de Zebulom, doze mil;
- da tribo de José, doze mil;
- da tribo de Benjamim, doze mil.

A Grande Multidão com Vestes Brancas

⁹ Depois disso olhei, e diante de mim estava uma grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas,^a em pé, diante do trono^b e do Cordeiro, com vestes brancas e segurando palmas. ¹⁰ E clamavam em alta voz:

“A salvação pertence
ao nosso Deus,^c
que se assenta no trono,
e ao Cordeiro”.

¹¹ Todos os anjos estavam em pé ao redor do trono, dos anciãos^d e dos quatro seres vivos.^e Eles se prostraram com o rosto^f em terra diante do trono e adoraram a Deus, ¹² dizendo:

“Amém!
Louvor e glória,
sabedoria, ação de graças,
honra, poder e força
sejam ao nosso Deus
para todo o sempre.
Amém!”^g

¹³ Então um dos anciãos me perguntou: “Quem são estes que estão vestidos de branco e de onde vieram?”

7.9 Ver “Ramos de palmeira em Israel”, em Ap 7.

7.11 Para informações sobre os quatro seres vivos, ver nota em 4.6.

APOCALIPSE 7 Os ramos das tamareiras fazem parte do simbolismo das culturas grega, romana e judaica:

- ✦ As palmeiras eram um sinal duradouro de vitória no mundo grego, e os autores romanos Lívio, Virgílio e Cícero fizeram uso delas baseados nesse significado.
- ✦ Os ramos de palmeira estavam associados com a festa judaica das cabanas (Lv 23.40).¹
- ✦ Com a murta, o salgueiro e a cidra, formava-se o *lullab*, objeto que, segundo os rabinos, era agitado na recitação de Salmos

118.25: “Salva-nos, Senhor!” (heb. *Hosana!*). Em João 12.13, as multidões agitavam ramos de palmeira enquanto gritavam o mesmo versículo.

- ✦ Os macabeus usavam ramos de palmeira como parte da cerimônia de nova dedicação do Templo (2Macabeus 10.7)² e cunharam moedas com figuras de palmeiras com a inscrição: “Para a redenção de Sião”.³
- ✦ Esses símbolos também eram empregados pelos judeus, na malsucedida rebelião de Bar Kokhba, que tentavam derrotar os romanos e estabelecer o reino messiânico.

Os ramos de palmeiras, portanto, representavam incisivamente a vitória de Deus e a libertação de seu povo. Em Apocalipse 7.9, os cristãos que venceram as perseguições deste mundo agitam ramos de palmeiras e usam roupas brancas. O simbolismo dos ramos de palmeiras era mais significativo para o leitor da época, mas especialmente para quem conhecia o simbolismo dos ramos de palmeiras na tradição e na adoração judaicas.

¹Ver “Festas de Israel”, em Lv 23.

²2Macabeus é um livro apócrifo.

³Para mais informações sobre os macabeus, ver “O período intertestamental”, em MI 3.



Ramos de palmeira em Israel

7.14 ^aAp 22.14;
Hb 9.14; 1Jo 1.7

7.15 ^aN. 9;
^aAp 22.3;
^aAp 11.19;
mIs 4.5,6; Ap 21.3

7.16 ^aIs 49.10

7.17 ^aSl 23.1;
Jo 10.11; mIs 25.8;
Ap 21.4

8.1 ^aAp 6.1

8.2 ^av. 6-13;
Ap 9.1,13; 11.15

¹⁴ Respondi: Senhor, tu o sabes.

E ele disse: “Estes são os que vieram da grande tribulação, que lavaram as suas vestes^h e as alvejarão no sangue do Cordeiro.”¹⁵ Por isso,

eles estão diante do trono de Deusⁱ
e o servem^k dia e noite em seu santuário;^l
e aquele que está assentado no trono
estenderá sobre eles^m o seu tabernáculo.

¹⁶ Nunca mais terão fome,
nunca mais terão sede.
Não os afligirá o sol
nem qualquer calor abrasador,ⁿ

¹⁷ pois o Cordeiro que está no centro do trono
será o seu Pastor;^o
ele os guiará às fontes de água viva.
E Deus enxugará dos seus olhos toda lágrima”.^p

O Sétimo Selo e o Incensário de Ouro

8 Quando ele abriu o sétimo selo,^q houve silêncio nos céus cerca de meia hora.
² Vi os sete anjos^r que se acham em pé diante de Deus; a eles foram dadas sete trombetas.

7.15 Todas as 16 referências ao templo em Apocalipse empregam a palavra que designa o santuário interior — o lugar em que habita a presença de Deus, não o recinto maior. Agora o acesso à presença de Deus não mais estava restrito a uma única tribo (os levitas), pois todos os cristãos se tornaram sacerdotes no serviço de Deus (ver 1.6; 5.10; 20.6).

7.17 Os reis da Antiguidade costumavam se referir a si mesmos como pastores de seu povo (ver Sl 23.1 e nota).

8.2 Nos dias do AT, a trombeta servia para anunciar acontecimentos importantes e dar sinais em tempo de guerra (ver “Trombetas no mundo antigo”, em Ap 8).

NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

Trombetas no mundo antigo

APOCALIPSE 8 As culturas judaica e greco-romana faziam uso de trombetas, que exerciam uma variedade de papéis no mundo antigo. Além da função musical, as trombetas podiam ser usadas para sinalizar reuniões públicas, desde apresentações teatrais a corrações e até cultos.

O AT, mais que a cultura greco-romana, proporciona um bom contexto para o uso da “trombeta” no NT. Antes do nascimento de Jesus, Israel usava dois tipos básicos de trombeta: instrumentos longos de metal e o chifre de carneiro (*shofar*).¹ O NT usa a mesma palavra para traduzir os dois tipos. Estes são alguns usos comuns da trombeta no AT:

- ✦ Eram tocadas na preparação das tropas para a batalha (Nm 10.9; Jz 3.27). Paulo emprega essa figura em 1Coríntios 14.8.
- ✦ Os sacerdotes tocaram trombetas quando ocorreu a destruição de Jericó (Js 6.16).²
- ✦ Importante é a associação, no AT, das trombetas com a teofania (manifestação de Deus). Por exemplo, quando Moisés e o povo de Israel se encontraram com Deus no Sinai, foi ouvido um toque de trombeta (Êx 19.16).
- ✦ Um ritual de toques de trombeta no primeiro dia do sétimo mês do calendário judaico inaugurava um mês sagrado que incluía o Dia da Expição e a festa das cabanas (Nm 29.1-6).³

A trombeta no NT está conectada (em Mt 24.31; 1Co 15.52; 1Ts 4.16) com a aparição de Deus ao mundo no final da História (antecipada em Is 27.13; Zc 9.14). De modo semelhante, as sete trombetas de Apocalipse 8—11 servem para advertir o povo da terra e anunciam a vinda do Reino de Deus. Os paralelos com as sete trombetas na queda de Jericó são impressionantes à luz do colapso da “grande cidade” de Apocalipse 11.13.

¹Ver “Instrumentos musicais antigos”, em Sl 5; e “O *shofar*”, em Sl 98. ²Ver “Os muros de Jericó”, em Js 6. ³Ver “Festas de Israel”, em Lv 23.

³ Outro anjo,^a que trazia um incensário de ouro, aproximou-se e ficou em pé junto ao altar. A ele foi dado muito incenso para oferecer com as orações de todos os santos^b sobre o altar de ouro^c diante do trono. ⁴ E da mão do anjo subiu diante de Deus^d a fumaça do incenso com as orações dos santos. ⁵ Então o anjo pegou o incensário, encheu-o com fogo do altar^e e lançou-o sobre a terra; e houve trovões,^f vozes, relâmpagos e um terremoto.^g

As Trombetas

⁶ Então os sete anjos, que tinham as sete trombetas,^h prepararam-se para tocá-las.

⁷ O primeiro anjo tocou a sua trombeta, e granizo e fogoⁱ misturado com sangue foram lançados sobre a terra. Foi queimado um terço^b da terra, um terço das árvores e toda a relva verde.^c

⁸ O segundo anjo tocou a sua trombeta, e algo como um grande monte^d em chamas foi lançado ao mar. Um terço^e do mar transformou-se em sangue,^f ⁹ morreu um terço^g das criaturas do mar e foi destruído um terço das embarcações.

¹⁰ O terceiro anjo tocou a sua trombeta, e caiu do céu^h uma grande estrela, queimando como tocha, sobre um terço dos rios e das fontes de águas;ⁱ ¹¹ o nome da estrela é Absinto^a. Tornou-se amargo um terço^j das águas, e muitos morreram pela ação das águas que se tornaram amargas^{b,k}.

¹² O quarto anjo tocou a sua trombeta, e foi ferido um terço do sol, um terço da lua e um terço das estrelas, de forma que um terço^l deles escureceu.^m Um terço do dia ficou sem luz, e também um terço da noite.

¹³ Enquanto eu olhava, ouvi uma águia que voava pelo meio do céuⁿ e dizia em alta voz: “Ai, ai, ai^o dos que habitam na terra, por causa do toque das trombetas que está prestes a ser dado pelos três outros anjos!”

9 O quinto anjo tocou a sua trombeta, e vi uma estrela que havia caído do céu sobre a terra.^p À estrela foi dada a chave do poço do Abismo.^q ² Quando ela abriu o Abismo, subiu dele fumaça como a de uma gigantesca fornalha.^r O sol e o céu escureceram^s com a fumaça que saía do Abismo. ³ Da fumaça saíram gafanhotos^t que vieram sobre a terra, e lhes foi dado poder como o dos escorpiões^u da terra. ⁴ Eles receberam ordens para não causar dano^v nem à relva da terra, nem a qualquer planta ou árvore,^w mas apenas àqueles que não tinham o selo de Deus na testa.^x ⁵ Não lhes foi dado poder para matá-los, mas sim para causar-lhes tormento durante cinco meses.^y A agonia que eles sofreram era como a da picada do escorpião.^z ⁶ Naqueles dias os homens procurarão a morte, mas não a encontrarão; desejarão morrer, mas a morte fugirá deles.^a

⁷ Os gafanhotos pareciam cavalos preparados para a batalha.^b Tinham sobre a cabeça algo como coroas de ouro, e o rosto deles parecia rosto humano.^c ⁸ Os cabelos deles eram como os de mulher e os dentes como os de leão.^d ⁹ Tinham couraças como couraças de ferro, e o som das suas asas era como o barulho de muitos cavalos e carruagens correndo para a batalha.^e ¹⁰ Tinham caudas e ferrões como de escorpiões e na cauda tinham poder para causar tormento aos homens durante cinco meses.^f ¹¹ Tinham um rei sobre eles, o anjo do Abismo,^g cujo nome, em hebraico, é Abadom e, em grego, Apoliom^h.

^a 8.11 Isto é, Amargor.

^b 8.11 Ou envenenadas.

^c 9.11 Abadom e Apoliom significam destruidor.

8.3 O incensário era uma panela com carvão vegetal em brasa, usada para queimar o incenso (cf. Ex 27.3; 1Rs 7.50; ver “Incenso”, em Jr 11).

8.4 Ver “Anjos e espíritos guardiões na Bíblia e no antigo Oriente Médio”, em Zc 1.

8.5 Ver nota em 4.5.

8.7,8,10,12,13 Ver “Trombetas no mundo antigo”, em Ap 8.

8.11 O absinto, planta de gosto forte e amargo, é usado aqui como metáfora da calamidade e do sofrimento. Apesar de não venenoso, seu amargor realmente sugere a morte.

9.1 Os antigos acreditavam que o Abismo era a habitação subterrânea das hordas demoníacas. A palavra grega significa “muito profundo” ou “sem fundo”, usada na *Septuaginta* para traduzir a palavra hebraica que representa as profundezas primevas (cf. Gn 1.2; 7.11; Pv 8.28; ver nota em Lc 8.31; ver também “Sheol, Hades, Geena, Abismo e Tártaro: imagens do inferno”, em Sl 139).

9.3 Os gafanhotos viajavam em enxames enormes e podiam destruir um terreno de toda a vegetação. Em 1866, 200 mil pessoas morreram de

fome na Argélia depois de uma praga de gafanhotos (ver “Gafanhotos no antigo Oriente Médio”, em Jl 2).

9.4 Sobre “o selo de Deus na testa”, ver nota em 7.2.

9.5 Cinco meses é um período limitado, sugerido pelo ciclo de vida do gafanhoto ou pela estação seca (da primavera até o final do verão, cerca de cinco meses), em que o perigo de invasão pelos gafanhotos é uma constante nessa parte do mundo.

9.6 Cornélio Galo, poeta romano que viveu no século I a.C., escreveu: “Pior que qualquer ferida é o desejo de morrer sem poder”.

9.8 Para referências literais e figuradas aos cabelos na Bíblia, ver nota em Sl 140.12; ver também “Barba e cortes de cabelo no mundo bíblico”, em Is 15.

9.9 A couraça era uma armadura que protegia a frente do corpo. As “couraças de ferro” eram placas finas de ferro rebitadas numa base de couro.

9.10 Sobre o período de cinco meses, ver nota no v. 5.

8.3 Ap 7.2; Ap 5.8; Ex 30.1-6; Hb 9.4; Ap 9.13

8.4 Sl 141.2

8.5 Mt 16.12,13; Ap 4.5; Ap 6.12

8.6 v. 2

8.7 Ex 38.22; v. 7-12; Ap 9.15,18; 12.4; Ap 9.4

8.8 v. 5; 12.5;

v. 7; Ap 16.3

8.9 v. 7

8.10 vs 14.12;

Ap 6.13; 9.1;

Ap 14.7; 16.4

8.11 v. 7; Jr 9.15;

23.15

8.12 v. 7;

Ex 10.21-23;

Ap 6.12,13

8.13 Ap 14.6;

19.17; Ap 9.12;

11.14

9.1 Ap 8.10;

v. 2.11; Lc 8.31

9.2 Gn 19.28; Ex

19.18; 11.2.2.10

9.3 Ex 10.12-15;

v. 5.10

9.4 Ap 6.6;

Ap 8.7; Ap 7.2,3

9.5 v. 10; v. 3

9.6 v. 6.3.21;

Jr 8.3; Ap 6.16

9.7 v. 2.4; Dn 7.8

9.8 v. 1.6

9.9 v. 2.5

9.10 v. 3.5,19

9.11 v. 1.2

9.12 ^aAp 8.139.13 ^aÊx 30.1-3;^aAp 8.39.14 ^aAp 16.129.15 ^v 189.16 ^mAp 5.11; 7.49.17 ^aAp 11.5;^v 189.18 ^v 15; ^v 179.20 ^d13.29;^a1Co 10.20;^s115.4-7;

135.15-17;

^dn 5.239.21 ^aAp 2.21;^aAp 18.23;^mAp 17.2,5¹² O primeiro ai passou; dois outros ais ainda virão.^b¹³ O sexto anjo tocou a sua trombeta, e ouvi uma voz que vinha das pontas^{a1} do altar de ouro que está diante de Deus.¹⁴ Ela disse ao sexto anjo que tinha a trombeta: "Solte os quatro anjos que estão amarrados junto ao grande rio Eufrates".^k ¹⁵ Os quatro anjos, que estavam preparados para aquela hora, dia, mês e ano, foram soltos para matar um terço da humanidade.¹¹⁶ O número dos cavaleiros que compunham os exércitos era de duzentos milhões; eu ouvi o seu número.^m¹⁷ Os cavalos e os cavaleiros que vi em minha visão tinham este aspecto: as suas couraças eram vermelhas como o fogo, azuis como o jacinto e amarelas como o enxofre. A cabeça dos cavalos parecia a cabeça de um leão, e da bocaⁿ lançavam fogo, fumaça e enxofre.^o ¹⁸ Um terço da humanidade foi morto^p pelas três pragas: de fogo, fumaça e enxofre,^q que saíam da boca dos cavalos.¹⁹ O poder dos cavalos estava na boca e na cauda; pois a cauda deles era como cobra; com a cabeça feriam as pessoas.²⁰ O restante da humanidade que não morreu por essas pragas nem assim se arrependeu das obras das suas mãos;^r eles não pararam de adorar os demônios^s e os ídolos de ouro, prata, bronze, pedra e madeira, ídolos que não podem ver, nem ouvir, nem andar.^t ²¹ Também não se arrependeram^u dos seus assassinatos, das suas feitiçarias,^v da sua imoralidade sexual^w e dos seus roubos.

O Anjo e o Livro

10 Então vi outro anjo poderoso,^x que descia dos céus. Ele estava envolto numa nuvem, e havia um arco-íris acima de sua cabeça. Sua face era como o sol,^y e suas pernas eram como colunas de fogo.^z ² Ele segurava um livrinho, que estava aberto em sua mão. Colocou o pé direito sobre o mar e o pé esquerdo sobre a terra,³ e deu um alto brado, como o rugido de um leão. Quando ele bradou, os sete trovões^a falaram. ⁴ Logo que os sete trovões falaram, eu estava prestes a escrever, mas ouvi uma voz dos céus, que disse: "Sele o que disseram os sete trovões, mas não o escreva".^b

⁵ Então o anjo que eu tinha visto em pé sobre o mar e sobre a terra levantou a mão direita para o céu⁶ e jurou por aquele que vive para todo o sempre, que criou os céus e tudo o que neles há, a terra e tudo o que nela há, e o mar e tudo o que nele há,^d dizendo: "Não haverá mais demora!"^e ⁷ Mas, nos dias em que o sétimo anjo estiver para tocar sua trombeta, vai cumprir-se o mistério^f de Deus, como ele o anunciou aos seus servos, os profetas".

⁸ Depois falou comigo mais uma vez a voz que eu tinha ouvido falar dos céus:⁸ "Vá, pegue o livro^b aberto que está na mão do anjo que se encontra em pé sobre o mar e sobre a terra".

⁹ Assim me aproximei do anjo e lhe pedi que me desse o livrinho. Ele me disse: "Pegue-o e coma-o! Ele será amargo em seu estômago, mas em sua boca será doce como mel".^h ¹⁰ Peguei o livrinho da mão do anjo e o comi. Ele me pareceu doce como mel em minha boca; mas, ao comê-lo, senti que o meu estômago ficou amargo. ¹¹ Então me foi dito: "É preciso que você profetize de novo acerca de muitos povos, nações, línguas e reis".

As Duas Testemunhas

11 Deram-me um caniço semelhante a uma vara de medirⁱ e me disseram: "Vá e meça o templo de Deus e o altar, e conte os adoradores que lá estiverem. ² Exclua, porém, o pátio exterior;^k

^a 9.13 Grego: *chifres*.^b 10.8 Grego: *rolô*.

9.13 Ver "Tromberas no mundo antigo", em Ap 8.

Os chifres eram projeções nos quatro cantos do altar (Êx 27.2; ver também "Os chifres do altar", em Sl 118). Quem estivesse fugindo do juízo podia buscar misericórdia agarrando-se às pontas (1Rs 1.50,51; 2.28; ver também nota em Am 3.14).

9.14 Ver "Os rios Tigre e Eufrates", em 1Cr 18.

9.17 Sobre as "couraças", ver nota no v. 9.

9.21 As feitiçarias implicavam a mistura de vários ingredientes para fins mágicos. Os cristãos de Éfeso queimaram publicamente seus livros de magia, avaliados em 50 mil dracmas (At 19.19; a dracma era uma moeda de prata que representava o pagamento de um dia de trabalho).

10.5,6 Levantar a mão direita era parte do juramento (ver Gn 14.22,23; Dt 32.40; ver também "A 'mão direita' no pensamento antigo", em Hb 1; e "O juramento na prática judaica e cristã", em Hb 6).

10.7 No pensamento apocalíptico, os mistérios eram segredos guardados no céu e revelados ao apocalíptico (ver "Literatura apocalíptica fora da Bíblia", em Ap 2). Aqui, o mistério é que Deus conquistou a vitória sobre as forças do mal e reinará para sempre.

10.9 O mel é usado na Bíblia como padrão de comparação com coisas agradáveis, boas ou ruins (ver também Pv 5.3; 16.24; Ct 4.11; 5.1; Ez 3.3).

11.1 O caniço é uma espécie de taquara, semelhante ao bambu, e atinge mais de 6 metros de altura. Crescia em abundância às margens do Jordão e era uma vara reta e leve que servia para medições (ver Ez 40.3; Zc 2.1,2).

11.2 O pátio exterior era o pátio dos Gentios, cuja extensão era de 26 acres.

QUEM ESCREVEU APOCALIPSE?

APOCALIPSE 10 Diferentemente das obras apocalípticas extrabíblicas, Apocalipse não é atribuído a um herói de um passado distante.¹ O autor identifica-se como João (1.1) e informa o leitor de que está escrevendo da ilha de Patmos, na qual, aparentemente, se encontra exilado por causa de seu testemunho cristão.² O autor sem dúvida é judeu, a julgar pelas inúmeras alusões e citações do AT no livro e pela evidente familiaridade com os símbolos do judaísmo do **segundo templo**.³ A visão tradicional, assumida desde o início do século II, é que esse mesmo João (o apóstolo) foi quem escreveu o evangelho de João, bem como as epístolas de 1, 2 e 3 João.

O consenso de que João, o apóstolo, escreveu o Apocalipse, entretanto, foi desafiado no século III por Dionísio, bispo de Alexandria, porque ele estava incomodado com o milenarismo (crença num reinado de Cristo na terra durante mil anos; 20.2) que surgira em sua igreja como resultado de uma interpretação literal do livro. Buscando, talvez, diminuir a autoridade de Apocalipse, ele afirmou que o apóstolo não poderia ter escrito o livro, porque o autor de Apocalipse não afirmava ser o “discípulo amado”, que o estilo do livro não era o mesmo do evangelho de João e que havia, na verdade, outro antigo líder cristão com o mesmo nome. Eusébio (*História eclesiástica*, 3.39.1-7), numa citação de Papias, um dos pais da Igreja, afirma que havia dois líderes eclesiásticos homônimos e que o segundo deles era conhecido como “João, o Presbítero”. João, de fato, era um nome comum nos círculos judaicos, e não seria surpresa encontrar duas personagens importantes na igreja primitiva com o mesmo nome (alguns até já atribuíram Apocalipse a João Marcos, autor do evangelho de Marcos). Como resultado dessas críticas, a autoridade do livro de Apocalipse nas igrejas ocidentais foi grandemente diminuída, a ponto de alguns negarem sua canonicidade.

Outra razão para negar que João, o apóstolo, escreveu Apocalipse está em 21.14, em que se lê que nas fundações da nova Jerusalém estavam inscritos os nomes dos 12 apóstolos. Isso seria indicação de que o autor não era um apóstolo e que a época dos apóstolos já havia passado. Apesar disso, há fortes razões para se manter a ideia tradicional:

- ♦ A afirmação de Papias de que havia um “João, o Presbítero” é controversa.

Temos apenas a citação de Papias (ca. 130 d.C.), encontrada em Eusébio (ca. 263-339 d.C.), para consultar. É certo que a afirmação de Papias, como a temos, parece sugerir a presença de um segundo João, mas a evidência seria mais convincente se não fosse encontrada apenas numa citação secundária.

O autor de Apocalipse em momento algum se identifica como “o ancião”, fato surpreendente se ele fosse, de fato, esse segundo João, conhecido por essa designação nas igrejas.

João, o apóstolo, considerado o autor de 2 e 3 João, refere-se a si mesmo como “o presbítero” em ambas as epístolas. Assim, pode ser que João, o Presbítero, e o apóstolo João fossem, na realidade, a mesma pessoa.

Seria surpreendente um livro tão profundo ter sido escrito por João, o Presbítero, pelo fato de ele ter sido reverenciado nas igrejas da Ásia e depois quase esquecido, até seu nome ser recuperado pela diligência de Eusébio.

Nem Papias nem Eusébio afirmam que o segundo João escreveu Apocalipse. A citação de Papias não diz nada a respeito de Apocalipse, e Eusébio afirma apenas que, se alguém estivesse relutando em atribuir Apocalipse a João, o apóstolo, teria de optar pelo segundo João.

- ♦ Justino Mártir (meados do séc. II d.C.) e outros pais da Igreja, como Ireneu, Tertuliano e Clemente de Alexandria, acreditavam que João, o apóstolo, escreveu o livro de Apocalipse.
- ♦ A despeito dos estilos literários diferentes, há similaridades temáticas entre o evangelho de João e Apocalipse: Cristo é o Verbo, tanto em João 1.1 quanto em Apocalipse 19.13 e, em ambas as obras, ele é o Cordeiro (Jo 1.29; Ap 5.6) e o Pastor (Jo 10.11; Ap 7.17).
- ♦ Apocalipse e João contrastam fortemente a verdade e a falsidade, a luz e as trevas, e assim por diante.
- ♦ Os especialistas não conseguirão provar que João, o apóstolo, não escreveu Apocalipse com base na simples observação de que o estilo de Apocalipse difere do estilo do evangelho — este provavelmente baseado em sermões que João pregou durante sua carreira, o que justifica o estilo polido e eloquente. O gênero de Apocalipse, um relato de visões, não tem equivalente no NT. Não é razoável pensar que Apocalipse fosse redigido como um evangelho ou uma epístola.
- ♦ Contra a visão de que 21.14 exige um autor pós-apostólico, está claro da parte de Paulo que os apóstolos estavam cientes do alto significado de seu ofício (1Co 9.1,2; 12.28; Ef 2.10; 1Ts 2.6).
- ♦ O autor de Apocalipse implicitamente se apresenta como uma autoridade. Em Apocalipse 10.10, ele come simbolicamente um rolo (como faz Ezequiel em Ez 3.1) e, em Apocalipse 22.18,19, ele atribui ao seu livro uma autoridade semelhante à de Deuteronômio 4.2. Teria sido estranho um cristão judeu desconhecido fazer tais afirmações a cerca de sua obra.

¹Ver “Literatura apocalíptica fora da Bíblia”, em Ap 2.

²Ver “Patmos”, em Ap 1.

³Ver “A árvore da vida no imaginário judaico”, em Ap 22.

não o meça, pois ele foi dado aos gentios^{a,1}. Eles pisarão a cidade santa^m durante quarenta e dois meses.ⁿ ³ Darei poder às minhas duas testemunhas,^o e elas profetizarão durante mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco.^p ⁴ Estas são as duas oliveiras^q e os dois candelabros que permanecem diante do Senhor da terra.^r ⁵ Se alguém quiser causar-lhes dano, da boca deles sairá fogo que devorará os seus inimigos.^s É assim que deve morrer qualquer pessoa que quiser causar-lhes dano.^t ⁶ Estes homens têm poder para fechar o céu, de modo que não chova durante o tempo em que estiverem profetizando, e têm poder para transformar a água em sangue^u e ferir a terra com toda sorte de pragas, quantas vezes desejarem.

⁷ Quando eles tiverem terminado o seu testemunho, a besta^v que vem do Abismo os atacará.^w E irá vencê-los e matá-los. ⁸ Os seus cadáveres ficarão expostos na rua principal da grande cidade, que figuradamente é chamada Sodoma^x e Egito, onde também foi crucificado o seu Senhor.^y ⁹ Durante três dias e meio, gente de todos os povos, tribos, línguas e nações contemplarão os seus cadáveres e não permitirão que sejam sepultados.^z ¹⁰ Os habitantes da terra^a se alegrarão por causa deles e festejarão, enviando presentes uns aos outros,^b pois esses dois profetas haviam atormentado os que habitam na terra.

¹¹ Mas, depois dos três dias e meio, entrou neles um sopro de vida da parte de Deus,^c e eles ficaram em pé, e um grande terror tomou conta daqueles que os viram. ¹² Então eles ouviram uma forte voz dos céus, que lhes disse: “Subam para cá”,^d e eles subiram para os céus numa nuvem,^e enquanto os seus inimigos olhavam.

¹³ Naquela mesma hora houve um forte terremoto,^f e um décimo da cidade ruiu. Sete mil pessoas foram mortas no terremoto; os sobreviventes ficaram aterrorizados e deram glória^g ao Deus dos céus.^h

¹⁴ O segundo ai passou; o terceiro ai virá em breve.ⁱ

A Sétima Trombeta

¹⁵ O sétimo anjo tocou a sua trombeta,^j e houve fortes vozes^k nos céus, que diziam:

“O reino do mundo se tornou de nosso Senhor
e do seu Cristo,^l e ele reinará
para todo o sempre”.^m

¹⁶ Os vinte e quatro anciãosⁿ que estavam assentados em seus tronos diante de Deus prostraram-se sobre seus rostos e adoraram a Deus,^o ¹⁷ dizendo:

“Graças te damos, Senhor Deus todo-poderoso,^p
que és e que eras, porque assumiste
o teu grande poder e começaste a reinar.^q

¹⁸ As nações se iraram;^r
e chegou a tua ira.

Chegou o tempo de julgares os mortos
e de recompensares os teus servos, os profetas,^s os teus santos
e os que temem o teu nome,
tanto pequenos como grandes,^t
e de destruir os que destroem a terra”.^u

¹⁹ Então foi aberto o santuário de Deus^v nos céus, e ali foi vista a arca da sua aliança. Houve relâmpagos, vozes, trovões, um terremoto e um grande temporal de granizo.^w

A Mulher e o Dragão

12 Apareceu no céu um sinal extraordinário: uma mulher vestida do sol, com a lua debaixo dos seus pés e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça. ² Ela estava grávida e gritava de dor,^x pois estava

• **11.2** Isto é, os que não são judeus.

11.3 ^aAp 1.5;
^bDn 7.21
11.4 ^cSl 52.8;
^dJr 11.16;
Zc 4.3,11; ^eZc 4.14
11.5 ^f2Rs 1.10;
^gJr 5.14;
^hNm 16.29,35
11.6 ⁱEx 7.17,19

11.7 ^jAp 13.1-4;
^kDn 7.21
11.8 ^lIs 1.9;
^mHb 13.12
11.9 ⁿSl 79.2,3

11.10 ^oAp 3.10;
^pEc 9.19,22

11.11 ^qEz 37.5,9,
10,14
11.12 ^rAp 4.1;
^s2Rs 2.11; ^tAt 1.9

11.13 ^uAp 6.12;
^vAp 14.7;
^wAp 16.11

11.14 ^xAp 8.13

11.15 ^yAp 10.7;
^zAp 16.17;
19.1; ^aAp 12.10;
^bDn 2.44; 7.14,27

11.16 ^cAp 4.4

11.17 ^dAp 1.8;
^eAp 19.6

11.18 ^fSl 2.1;
^gAp 10.7; ^hAp 19.5

11.19 ⁱAp 15.5,8;
^jAp 16.21

12.2 ^kGl 4.19

11.3 Sobre o pano de saco, ver nota em Jó 16.15; ver também “Pano de saco e cinzas: rituais de lamentação”, em Sl 30.

11.8,9 No Oriente Médio, deixar alguém sem sepultamento era um atentado à decência (ver nota em Sl 63.10).

11.15 Tocavam-se trombetas quando um novo rei subia ao trono (ver “Trombetas no mundo antigo”, em Ap 8).

11.19 A arca do AT era uma caixa de madeira de acácia (ver Dt 10.1,2; ver também “O tabernáculo e a arca”, em Ex 40) que simbolizava o trono

ou a presença de Deus entre seu povo. Ela foi provavelmente destruída quando Nabuzarad destruiu o templo de Jerusalém (2Rs 25.8-10). No NT, simboliza a fidelidade de Deus em cumprir a aliança com seu povo. Impressionantes fenômenos naturais, como raios, trovões, terremotos e tempestades de granizo, são símbolos da majestade e poder de Deus (ver “Deuses da tempestade, imagem e teofania da tempestade”, em Sl 18).

12.1 Para João, a mulher provavelmente representava Israel ou seu remanescente fiel, uma vez que os profetas costumavam retratar o Israel

para dar à luz. ³ Então apareceu no céu outro sinal: um enorme dragão vermelho com sete cabeças e dez chifres,^w tendo sobre as cabeças sete coroas^{a, x} ⁴ Sua cauda arrastou consigo um terço^y das estrelas do céu, lançando-as na terra.^z O dragão pôs-se diante da mulher que estava para dar à luz, para devorar o seu filho^a no momento em que nascesse. ⁵ Ela deu à luz um filho, um homem, que governará todas as nações com cetro de ferro.^b Seu filho foi arrebatado para junto de Deus e de seu trono. ⁶ A mulher fugiu para o deserto, para um lugar que lhe havia sido preparado por Deus, para que ali a sustentassem durante mil duzentos e sessenta dias.^c

⁷ Houve então uma guerra nos céus. Miguel e seus anjos lutaram contra o dragão,^d e o dragão e os seus anjos revidaram. ⁸ Mas estes não foram suficientemente fortes, e assim perderam o seu lugar nos céus. ⁹ O grande dragão foi lançado fora. Ele é a antiga serpente^e chamada Diabo^f ou Satanás, que engana o mundo todo.^g Ele e os seus anjos foram lançados à terra.^h

¹⁰ Então ouvi uma forte voz dos céus,ⁱ que dizia:

“Agora veio a salvação, o poder e o Reino do nosso Deus,
e a autoridade do seu Cristo,
pois foi lançado fora o acusador dos nossos irmãos,^j
que os acusa diante do nosso Deus, dia e noite.

¹¹ Eles o venceram
pelo sangue do Cordeiro^k
e pela palavra do testemunho que deram;^l
diante da morte,
não amaram a própria vida.^m

¹² Portanto, celebrem-no, ó céus,ⁿ
e os que neles habitam!
Mas ai^o da terra e do mar,^p
pois o Diabo desceu até vocês!
Ele está cheio de fúria,
pois sabe que lhe resta pouco tempo”.

¹³ Quando o dragão^q foi lançado à terra, começou a perseguir a mulher que dera à luz o menino.^r ¹⁴ Foram dadas à mulher as duas asas da grande águia,^s para que ela pudesse voar para o lugar que lhe havia sido preparado no deserto, onde seria sustentada durante um tempo, tempos e meio tempo,^t fora do alcance da serpente. ¹⁵ Então a serpente fez jorrar da sua boca água como um rio, para alcançar a mulher e arrastá-la com a correnteza. ¹⁶ A terra, porém, ajudou a mulher, abrindo a boca e engolindo o rio que o dragão fizera jorrar da sua boca. ¹⁷ O dragão ⁱrou-se contra a mulher e saiu para guerrear^u contra o restante da sua descendência,^v os que obedecem aos mandamentos^w de Deus e se mantêm fiéis ao testemunho de Jesus.^x

¹⁸ Então o dragão se pôs em pé^b na areia do mar.

A Besta que Saiu do Mar

13 Vi uma besta que saía do mar.^y Tinha dez chifres e sete cabeças,^z com dez coroas^c, uma sobre cada chifre, e em cada cabeça um nome de blasfêmia.^{a, z} A besta que vi era semelhante a um

^a 12.3 Grego: diademas.

^b 12.18 Alguns manuscritos dizem *E eu estava em pé*.

^c 13.1 Grego: diademas.

justo como a mãe do futuro remanescente restaurado (ver Is 54.1; 66.7-10; Mq 4.9,10; 5.3), imagem que eles misturavam com a da noiva (ver Is 62.5). Na tradição judaica, Sião/Jerusalém sempre é representada por uma mãe. Certa ocasião, Deus prometeu que o Israel grávido e agonizante geraria nova vida no tempo da ressurreição, no dia da ira de Deus, em que a serpente será destruída (ver Is 26.17—27.1).

12.3 Os dragões povoam a mitologia dos povos antigos (o Leviatã do folclore cananeu, e Set-Tifão, o crocodilo vermelho do Egito). No AT, são em geral usados metaforicamente para retratar os inimigos de Deus e de Israel (ver Sl 74.14; Is 27.1; Ez 29.3 e suas notas).

A palavra “diadema” não ocorre na NVI, mas a palavra grega *diadema* é usada três vezes em Apocalipse (12.3; 13.1; 19.12) como um emblema de poder absoluto, distinto da “coroa” (gr. *stephanos*) mencionada em outras passagens do NT. A “coroa” (*stephanos*) era concedida aos atletas, aos generais vitoriosos e aos antigos imperadores de Roma, até que

Diocleciano (ca. 284-305 d.C.) adotou o diadema como símbolo de sua autocracia. Nosso Senhor também usará um diadema, em vez de uma coroa comum (19.12).

12.7 Miguel é um arcanjo que derrota Satanás na guerra celestial. Em Dn 12.1, é o protetor de Israel que o livrará da tribulação dos últimos dias (ver “Anjos e espíritos guardiões na Bíblia e no antigo Oriente Médio”, em Zc 1).

13.1 Múltiplos chifres num animal denotam nações ou governantes sucessivos (ver Dn 7.7-14; 8.3-22; Ap 17.3-16).

Sobre a “coroa”, ver nota em 12.3.

Os imperadores romanos tendiam a assumir nomes de deidades. Domiciano, por exemplo, era chamado *Dominus et Deus noster* (“Nosso Senhor e Deus”) — um nome “blasfemo”. A adoração ao imperador era compulsória (ver “O culto imperial”, em Mc 12).

12.3 ^wDn 7.7,20;
Ap 13.1; ^xAp 19.12
12.4 ^yAp 8.7;
^zDn 8.10; ^aMt 2.16

12.5 ^sSl 2.9;
Ap 2.27
12.6 ^aAp 11.2

12.7 ^q. 3

12.9 ^eGn 3.1-7;
^fMt 25.41;
^gAp 20.3,8,10;
^hLc 10.18;
Jo 12.31
12.10 ⁱAp 11.15;
^jLc 1.9-11; ^zz 3.1

12.11 ^kAp 7.14;
^lAp 6.9; ^mLc 14.26

12.12 ⁿSl 96.11;
^oIs 49.13; Ap 18.20;
^pAp 8.13; ^qAp 10.6

12.13 ^r. 3; ^s. 5

12.14 ^tEx 19.4;
^uDn 7.25

12.17 ^vAp 11.7;
^wGn 3.15;
^xAp 14.12; ^yAp 1.2

13.1 ^yDn 7.1-6;
Ap 15.2; ^zAp 12.3;
^aDn 11.36; ^zAp 17.3

13.2 ^aDn 7.6;
^cDn 7.5; ^dDn 7.4;
^eAp 16.10
 13.3 ^v. 12.14;
^fAp 17.8
 13.4 ^eEx 15.11

13.5 ¹Dn 7.8,11,
 20.25; 11.36;
 2Ts 2.4; ²Ap 11.2
 13.6 ³Ap 12.12
 13.7 ⁴Dn 7.21;
 Ap 11.7; ⁵Ap 5.9;
 13.8 ⁶Ap 3.10;
⁷Ap 3.5; 20.12;
⁸Mt 25.34

13.9 ⁹Ap 2.7

13.10 ¹⁰Jr 15.2;
 43.11; ¹¹Hb 6.12;
¹²Ap 14.12

leopardo,^b mas tinha pés como os de urso^c e boca como a de leão.^d O dragão deu à besta o seu poder, o seu trono e grande autoridade.^e ³ Uma das cabeças da besta parecia ter sofrido um ferimento mortal, mas o ferimento mortal foi curado.^f O mundo todo ficou maravilhado^g e seguiu a besta. ⁴ Adoraram o dragão, que tinha dado autoridade à besta, e também adoraram a besta, dizendo: “Quem é como^h a besta? Quem pode guerrear contra ela?”

⁵ À besta foi dada uma boca para falar palavras arrogantes e blasfemasⁱ e lhe foi dada autoridade para agir durante quarenta e dois meses.^j ⁶ Ela abriu a boca para blasfemar contra Deus e amaldiçoar o seu nome e o seu tabernáculo, os^k que habitam nos céus.^k ⁷ Foi-lhe dado poder para guerrear^l contra os santos e vencê-los. Foi-lhe dada autoridade sobre toda tribo, povo, língua e nação.^m ⁸ Todos os habitantes da terraⁿ adorarão a besta, a saber, todos aqueles que não tiveram seus nomes escritos no livro^o da vida do Cordeiro que foi morto desde a criação do mundo^{b,p}.

⁹ Aquele que tem ouvidos ouça:^q

¹⁰ Se alguém há de ir para o cativeiro,
 para o cativeiro irá.

Se alguém há de ser morto^c à espada,
 morto à espada haverá de ser.^r

Aqui estão a perseverança e a fidelidade^s dos santos.^t

A Besta que Saiu da Terra

¹¹ Então vi outra besta que saía da terra, com dois chifres como cordeiro, mas que falava como dragão. ¹² Exercia toda a autoridade^u da primeira besta, em nome^v dela,^v e fazia a terra e seus habitantes adorarem a primeira besta,^w cujo ferimento mortal havia sido curado.^x ¹³ E realizava grandes sinais,^y chegando a fazer descer fogo do céu^z à terra, à vista dos homens. ¹⁴ Por causa dos sinais^a que lhe foi permitido realizar em nome da primeira besta, ela enganou^b os habitantes da terra. Ordenou-lhes que fizessem uma imagem em honra à besta que fora ferida pela espada e contudo revivera. ¹⁵ Foi-lhe dado poder para dar fôlego à imagem da primeira besta, de modo que ela podia falar e fazer que fossem mortos todos os que se recusassem a adorar a imagem.^c ¹⁶ Também obrigou todos, pequenos e grandes,^d ricos e pobres, livres e escravos, a receberem certa marca na mão direita ou na testa,^e ¹⁷ para que ninguém pudesse comprar nem vender, a não ser quem tivesse a marca,^f que é o nome da besta ou o número do seu nome.^g

¹⁸ Aqui há sabedoria.^h Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem.ⁱ Seu número é seiscentos e sessenta e seis.

O Cordeiro e os Cento e Quarenta e Quatro Mil Selados

14 Então olhei, e diante de mim estava o Cordeiro,^j em pé sobre o monte Sião,^k e com ele cento e quarenta e quatro mil^l que traziam escritos na testa o nome dele e o nome de seu Pai.^m ² Ouvi um som dos céus como o de muitas águasⁿ e de um forte trovão. Era como o de harpistas tocando seus instrumentos.^o ³ Eles cantavam um cântico^p novo diante do trono, dos quatro seres viventes e dos anciãos.

^a 13.6 Alguns manuscritos dizem e os.

^b 13.8 Ou escritos, desde a criação do mundo, no livro da vida do Cordeiro que foi morto.

^c 13.10 Alguns manuscritos dizem Todo aquele que mata.

^d 13.12 Ou na presença; também no versículo 14.

13.10 A espada aqui é a espada curta ou adaga (ver nota em 1.16).
 13.11,12 A maioria dos intérpretes vê uma conexão entre a segunda besta e a adoração ao imperador dos dias de João (ver “O culto imperial”, em Mc 12).

13.14 A espada aqui é a espada curta ou adaga (ver nota em 1.16).
 13.15 A crença em estátuas que falam é amplamente atestada na literatura antiga. Algumas estátuas eram ocas e assim permitiam que o sacerdote do santuário se escondesse dentro dela e falasse como se fosse um deus. O ventriloquismo e outras formas de engano também eram comuns.

13.16 Seja qual for a origem — talvez o ferretar de escravos ou de soldados inimigos, o lacrar e carimbar documentos ou o sinal da cruz na testa do novo cristão —, a marca da besta simboliza, ao que parece, a fidelidade às exigências do culto imperial (ver “O culto imperial”, em Mc 12). Nos últimos dias do Anticristo, será o teste supremo de lealdade a ele.

A mão direita tinha um significado simbólico no mundo antigo (ver “A ‘mão direita’ no pensamento antigo”, em Hb 1).

13.17 Na Antiguidade, as letras do alfabeto serviam de números. Eram populares os enigmas que usavam equivalentes numéricos para nomes.

13.18 Alguns especialistas supõem que o significado do número associado com a besta já era aparente ao público original de João. O fato de que os ouvintes eram convidados a interpretar o enigma implica que a resposta estava ao alcance dos cristãos das sete igrejas. Vários esquemas para decodificar esses números resultam em nomes como Euanas, Lateinos e Nero César. Outros tomam a cifra 666 por símbolo da tríade da iniquidade e da imperfeição — cada dígito fica aquém do número perfeito: 7.

14.1 No AT, o monte Sião foi, a princípio, a fortaleza da cidade pré-israelita de Jerusalém (ver 2Sm 5.6,7; ver também nota em 2Sm 5.6). Mais tarde, veio a ser quase um sinônimo de Jerusalém (ver “Jerusalém”, em Jr 4). Em Apocalipse, como em Hb 12.22-24, trata-se da Jerusalém celestial, a eterna habitação de Deus e de seu povo (ver “Zafom, Olimpo, Sinai e Sião: o monte de Deus”, em Sl 48).

14.2 Para mais informações sobre as “harpas”, ver “Instrumentos musicais antigos”, em Sl 5.

Ninguém podia aprender o cântico, a não ser os cento e quarenta e quatro mil^a que haviam sido comprados da terra. ⁴Estes são os que não se contaminaram com mulheres, pois se conservaram castos^{ar} e seguem o Cordeiro por onde quer que ele vá. Foram comprados dentre os homens^s e ofertados como primícias^t a Deus e ao Cordeiro. ⁵Mentira nenhuma foi encontrada na boca deles;^u são imaculados.^v

14.3 ^aAp 5.9; ^{av} 1.14.4 ^a2Co 11.2; ^{Ap} 3.4; ^aAp 5.9; ¹1Pe 1.18
14.5 ^sSl 32.2; ^{Sl} 3.13; ^v1.5.27

Os Três Anjos

⁶Então vi outro anjo, que voava pelo céu^w e tinha na mão o evangelho eterno para proclamar aos que habitam na terra,^x a toda nação, tribo, língua e povo.^y ⁷Ele disse em alta voz: “Temam a Deus^z e glorifiquem-no,^a pois chegou a hora do seu juízo. Adorem aquele que fez os céus, a terra, o mar e as fontes das águas”.^b

14.6 ^aAp 8.13; ^aAp 3.10; ^aAp 13.7
14.7 ^aAp 15.4; ^aAp 11.13; ^aAp 8.10

⁸Um segundo anjo o seguiu, dizendo: “Caiu! Caiu a grande Babilônia^c que fez todas as nações beberem do vinho da fúria da sua prostituição!”^d

14.8 ^s21.9; ^{Jr} 51.8; ^aAp 17.2,4; 18.3,9
14.9 ^aAp 13.14

⁹Um terceiro anjo o seguiu, dizendo em alta voz: “Se alguém adorar a besta e a sua imagem^e e receber a sua marca na testa ou na mão, ¹⁰também beberá do vinho do furor de Deus^f que foi derramado sem mistura no cálice da sua ira.^g Será ainda atormentado com enxofre ardente na presença dos santos anjos e do Cordeiro, ¹¹e a fumaça do tormento de tais pessoas sobe para todo o sempre.^h Para todos os que adoram a besta e a sua imagem, e para quem recebe a marca do seu nome, não há descanso, dia e noite”. ¹²Aqui está a perseverança dos santosⁱ que obedecem aos mandamentos de Deus e permanecem fiéis a Jesus.

14.10 ^s15.17; ^{Jr} 25.15; ^aAp 18.6
14.11 ^s34.10; ^{Ap} 19.3

¹³Então ouvi uma voz dos céus, dizendo: “Escreva: Felizes os mortos que morrem no Senhor! de agora em diante”.

14.12 ^aAp 13.10

Diz o Espírito: “Sim, eles descansarão das suas fadigas, pois as suas obras os seguirão”.

14.13 ¹1Co 15.18; ¹Ts 4.16

A Colheita da Terra

¹⁴Olhei, e diante de mim estava uma nuvem branca e, assentado sobre a nuvem, alguém “semeilhante a um filho de homem”^{b,k}. Ele estava com uma coroa^l de ouro na cabeça e uma foice afiada na mão. ¹⁵Então saiu do santuário um outro anjo, que bradou em alta voz àquele que estava assentado sobre a nuvem: “Tome a sua foice^m e faça a colheita, pois a safra da terraⁿ está madura; chegou a hora de colhê-la”. ¹⁶Assim, aquele que estava assentado sobre a nuvem passou sua foice pela terra, e a terra foi ceifada.

14.14 ^aDn 7.13; ^{Ap} 1.13; ^aAp 6.2

¹⁷Outro anjo saiu do santuário dos céus, trazendo também uma foice afiada. ¹⁸E ainda outro anjo, que tem autoridade sobre o fogo, saiu do altar e bradou em alta voz àquele que tinha a foice afiada: “Tome sua foice afiada e ajunte os cachos de uva da videira da terra, porque as suas uvas estão maduras!” ¹⁹O anjo passou a foice pela terra, ajuntou as uvas e as lançou no grande lagar da ira de Deus.^o ²⁰Elas foram pisadas no lagar,^p fora da cidade,^q e correu sangue do lagar, chegando ao nível dos freios dos cavalos, numa distância de cerca de trezentos quilômetros.^c

14.15 ^u1.3.13; ^{Jr} 51.33

14.19 ^aAp 19.15

14.20 ^s63.3; ^qHb 13.12; ^{Ap} 11.8

^a 14.4 Grego: *virgens*.

^b 14.14 Dn 7.13.

^c 14.20 Grego: 1.600 *estádios*. Um estádio equivalia a 185 metros.

14.4 Como um retrato do exército de Deus pronto para a guerra santa (ver “*Herem, guerra santa*”, 1Sm 15), os 144 mil assemelham-se às tropas de Israel que se guardavam das mulheres, priorizando a batalha (cf. Dt 23.10; 1Sm 21.5; 2Sm 11.11). Apocalipse também retrata a humanidade não arrependida como uma prostituta (Ap 17.1-5) e os fiéis a Cristo como uma noiva (19.7; 21.2,9). Os 144 mil recusaram-se a cometer imoralidade com a Babilônia.

14.6 O termo “evangelho” aqui pode não se referir unicamente às “boas-novas”. Na tradição profética, o termo “boas-novas” incluía também os anúncios de juízo sobre os inimigos do povo de Deus (Na 1.15).

14.8 A antiga Babilônia, na Mesopotâmia, era o centro político, comercial e religioso de um império mundial. Era notável pelo luxo e pela decadência moral. O título “a grande Babilônia” é tirado de Dn 4.30, e alguns acreditam que em Apocalipse seja uma referência a Roma como centro da oposição a Deus e ao seu povo, enquanto outros pensam que representa todo o sistema político e religioso do mundo em geral sob o governo do Anticristo. Outros ainda entendem que seja a própria Babilônia — reedificada e restaurada.

A palavra grega traduzida por “fúria”, aqui e em Ap 18.3, pode significar paixão, mas normalmente em Apocalipse indica raiva (cf. 12.12; 15.1-7;

16.1). O vinho de Deus pode ser visto como a ira justa (juízo) contra os “adulterios” que a Babilônia promoveu entre as nações. Os antigos costumavam diluir cada parte de vinho em duas partes de água, exceto quando tinham a intenção de se embriagar. Mas Deus administra o vinho de sua ira “sem mistura” (14.10).

14.10 No AT, a ira de Deus é retratada como um cálice de vinho para ser bebido (ver Sl 75.8; Is 51.17; Jr 25.15; ver também a nota no v.8). Sodoma e Gomorra foram destruídas por uma chuva de enxofre ardente (ver “A destruição de Sodoma e Gomorra”, em Gn 19).

14.14 A “coroa de ouro” é confeccionada com folhas de ouro (para uma comparação com a coroa do rei, ver notas em 2.10; 12.3).

A foice israelita, usada para cortar os grãos, consistia numa lâmina de seixo ou de ferro fixada numa haste curva de madeira ou de osso (ver nota em Mc 4.29).

14.18 Essa “foice”, em contraste àquela do v. 14, se refere à foice menor, com a qual o agricultor cortava da videira os cachos de uvas.

14.19 Ver “O lagar”, em Is 63. No AT, pisar o lagar era figura comum da execução da ira divina (ver Is 63.3; Lm 1.15; Jl 3.13).

14.20 A extensão aproximada da Terra Santa, de norte a sul, era de 1.600 estádios ou cerca de 300 quilômetros.

Os Sete Anjos e as Sete Pragas

15.1 <sup>Ap 12.1,3;
Ap 16.1; 1Lv 26.21</sup>
15.2 <sup>Ap 4.6;
Ap 13.14</sup>

15.3 <sup>Ex 15.1;
Dt 32.4; Sl 111.2;
Ap 145.17</sup>

15 Vi no céu outro sinal, grande e maravilhoso:^r sete anjos^s com as sete últimas pragas,^t pois com elas se completa a ira de Deus. ² Vi algo semelhante a um mar de vidro^u misturado com fogo, e, em pé, junto ao mar, os que tinham vencido a besta, a sua imagem^v e o número do seu nome. Eles seguravam harpas que lhes haviam sido dadas por Deus, ³ e cantavam o cântico de Moisés,^w servo de Deus, e o cântico do Cordeiro:

“Grandes e maravilhosas são as tuas obras,^x
Senhor Deus todo-poderoso.

Justos e verdadeiros são os teus caminhos,^y
ó Rei das nações.

⁴ Quem não te temerá, ó Senhor?^z

Quem não glorificará o teu nome?

Pois tu somente és santo.

Todas as nações virão à tua presença^a

e te adorarão, pois os teus atos de justiça
se tornaram manifestos”.

15.4 <sup>Jr 10.7;
Sl 66.23</sup>

15.5 <sup>Ap 11.19;
Nm 1.50</sup>
15.6 <sup>Ap 14.15;
Ev. 1; Ap 1.13
15.7 Ap 4.6</sup>

15.8 <sup>Sl 6.4;
Ex 40.34,35;
1Rs 8.10,11;
2Cr 5.13,14</sup>

⁵ Depois disso olhei e vi que se abriu nos céus o santuário,^b o tabernáculo da aliança.^c ⁶ Saíram do santuário^d os sete anjos com as sete pragas.^e Eles estavam vestidos de linho puro e resplandecente e tinham cinturões de ouro ao redor do peito.^f ⁷ E um dos quatro seres viventes^g deu aos sete anjos sete taças de ouro cheias da ira de Deus, que vive para todo o sempre. ⁸ O santuário ficou cheio da fumaça^h da glória de Deus e do seu poder, e ninguém podia entrar no santuárioⁱ enquanto não se completassem as sete pragas dos sete anjos.

As Sete Taças da Ira de Deus

16.1 ^{Ap 15.1}

16 Então ouvi uma forte voz que vinha do santuário e dizia aos sete anjos:^j “Vão derramar sobre a terra as sete taças da ira de Deus”.

16.2 <sup>Ap 8.7;
Ex 9.9-11;
mAp 13.15-17</sup>

² O primeiro anjo foi e derramou a sua taça pela terra,^k e abriram-se feridas malignas^l e dolorosas naqueles que tinham a marca da besta e adoravam a sua imagem.^m

16.3 <sup>Ex 7.17-21;
Ap 8.8,9</sup>

³ O segundo anjo derramou a sua taça no mar, e este se transformou em sangue como de um morto, e morreu toda criatura que vivia no mar.ⁿ

16.4 <sup>Ap 8.10;
Ex 7.17-21</sup>
16.5 <sup>Ap 15.3;
Ap 1.4; Ap 15.3</sup>

⁴ O terceiro anjo derramou a sua taça nos rios e nas fontes,^o e eles se transformaram em sangue.^p

⁵ Então ouvi o anjo que tem autoridade sobre as águas dizer:

“Tu és justo,^q
tu, o Santo,^r que és e que eras,^s
porque julgaste estas coisas;

16.6 <sup>Is 49.26;
Ap 17.6</sup>

⁶ pois eles derramaram o sangue dos teus santos
e dos teus profetas,
e tu lhes deste sangue para beber,^t
como eles merecem”.

16.7 <sup>Ap 6.9;
Ap 15.3; 19.2</sup>

⁷ E ouvi o altar^u responder:

“Sim, Senhor Deus todo-poderoso,
verdadeiros e justos são os teus juízos”.^v

16.8 <sup>Ap 8.12;
Ap 14.18</sup>
16.9 <sup>vv. 11,21;
Ap 2.21;
Ap 11.13</sup>

⁸ O quarto anjo^w derramou a sua taça a sua taça no sol, e foi dado poder ao sol para queimar os homens com fogo.^x ⁹ Estes foram queimados pelo forte calor e amaldiçoaram o nome de Deus,^y que tem domínio sobre estas pragas; contudo, recusaram arrepender-se^z e glorificá-lo.^a

16.10 <sup>Ap 13.2;
Ap 9.2</sup>
16.11 <sup>v. 9,21;
Ap 11.13; vv. 2;
Ap 2.21</sup>

¹⁰ O quinto anjo derramou a sua taça sobre o trono da besta,^b cujo reino ficou em trevas.^c De tanta agonia, os homens mordiam a própria língua ¹¹ e blasfemavam^d contra o Deus dos céus,^e por causa das suas dores e das suas feridas;^f contudo, recusaram arrepender-se das obras que haviam praticado.^g

15.2 Sobre o “número do seu nome”, ver nota em 13.17; 13.18; sobre as “harpas”, ver nota em 5.8.

16.2 Sobre a “marca da besta”, ver nota em 13.16.

¹² O sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates,^b e secaram-se as suas águas para que fosse preparado o caminho para os reis que vêm do Oriente.¹³ Então vi saírem da boca do dragão,^j da boca da besta^k e da boca do falso profeta^l três espíritos imundos^a semelhantes a rãs. ¹⁴ São espíritos de demônios^m que realizam sinais milagrosos; eles vão aos reis de todo o mundo, a fim de reuni-los para a batalhaⁿ do grande dia do Deus todo-poderoso.

¹⁵ “Eis que venho como ladrão! Feliz aquele que permanece vigilante^o e conserva consigo as suas vestes, para que não ande nu e não seja vista a sua vergonha.”

¹⁶ Então os três espíritos os reuniram no lugar que, em hebraico,^p é chamado Armagedom.^q

¹⁷ O sétimo anjo derramou a sua taça no ar,^r e do santuário^s saiu uma forte voz^t que vinha do trono, dizendo: “Está feito!”^u ¹⁸ Houve, então, relâmpagos, vozes, trovões^v e um forte terremoto.^w Nunca havia ocorrido um terremoto tão forte como esse desde que o homem existe sobre a terra.^x ¹⁹ A grande cidade^y foi dividida em três partes, e as cidades das nações se desmoronaram. Deus lembrou-se^z da grande Babilônia^a e lhe deu o cálice do vinho do furor da sua ira.^b ²⁰ Todas as ilhas fugiram, e as montanhas desapareceram.^c ²¹ Caíram sobre os homens, vindas do céu, enormes pedras de granizo,^d de cerca de trinta e cinco quilos^e cada; eles blasfemaram contra Deus por causa do granizo,^e pois a praga fora terrível.

A Mulher Montada na Besta

17 Um dos sete anjos^f que tinham as sete taças^g aproximou-se e me disse: “Venha, eu mostrarei a você o julgamento^h da grande prostitutaⁱ que está sentada sobre muitas águas,^j ² com quem os reis da terra se prostituíram; os habitantes da terra se embriagaram com o vinho da sua prostituição.”^k

³ Então o anjo me levou no Espírito para um deserto.^l Ali vi uma mulher montada numa besta vermelha, que estava coberta de nomes blasfemos^m e que tinha sete cabeças e dez chifres.ⁿ ⁴ A mulher estava vestida de púrpura e vermelho e adornada de ouro, pedras preciosas e pérolas.^o Segurava um cálice de ouro,^p cheio de coisas repugnantes e da impureza da sua prostituição.^q ⁵ Em sua testa havia esta inscrição:

MISTÉRIO:
BABILÔNIA, A GRANDE;^q
A MÃE DAS PROSTITUTAS
E DAS PRÁTICAS REPUGNANTES DA TERRA.

⁶ Vi que a mulher estava embriagada com o sangue dos santos,^r o sangue das testemunhas^c de Jesus.

Quando a vi, fiquei muito admirado. ⁷ Então o anjo me disse: “Por que você está admirado? Eu explicarei o mistério^s dessa mulher e da besta sobre a qual ela está montada, que tem sete cabeças e dez chifres.^t ⁸ A besta que você viu, era e já não é. Ela está para subir do Abismo e caminha para a perdição.^u ⁹ Os habitantes da terra,^v cujos nomes não foram escritos no livro da vida^w desde a criação do mundo, ficarão admirados^x quando virem a besta, porque ela era, agora não é, e entretanto virá.

⁹ “Aqui se requer mente sábia.^y As sete cabeças são sete colinas sobre as quais está sentada a mulher. ¹⁰ São também sete reis. Cinco já caíram, um ainda existe, e o outro ainda não surgiu; mas,

^a 16.13 Ou *malignos*

^b 16.21 Grego: *1 talento*.

^c 17.6 Ou *dos mártires*.

16.12 Ver “Os rios Tigre e Eufrates”, em 1Cr 18.

Os “reis que vêm do Oriente” eram, aparentemente, governantes partos (17.15—18.24), que devem ser diferentes dos “reis de todo o mundo” (16.14), que farão a guerra final contra Cristo e os exércitos do céu (19.11-21).

16.13 A rã é classificada como um animal impuro (Lv 11.10). A linguagem figurada supõe a propaganda enganosa que, nos últimos dias, levará as pessoas a aceitar e a apoiar a causa do mal.

16.16 Armagedom provavelmente representa Har Mageddon, “o monte de Megido” (ver nota em Jz 5.19; ver também “Megido”, em Zc 12). Muitos entendem que a designação não é uma referência geográfica, mas o símbolo da derrota definitiva da iniquidade imposta por Deus.

17.1 Moedas antigas e outras obras de arte retratam as cidades como uma deusa rica entronizada ao lado de um rio. A Babilônia real convivia

com “muitas águas” (Jr 51.13; ver “Babilônia”, em Is 13), a exemplo de muitas outras cidades antigas, inclusive Roma. As “águas” podem simbolizar poder internacional.

17.4 De várias maneiras, Babilônia estava “vestida para matar”. A roupa azul e vermelha indicava riqueza, e o ouro, as pedras preciosas e as pérolas mais tarde contribuíram para seu esplendor. João retrata uma prostituta de alta classe que intoxicava as nações com sua imoralidade irresistível (v. 2) e se embriagava com o sangue dos santos (v. 6).

17.7 Sobre o “mistério”, ver nota em 10.7.

17.8 Para mais informações sobre o Abismo, ver nota em 9.1.

17.9 É significativo que Roma tenha começado como uma rede de sete povoados, cada um numa colina, na ribanceira esquerda do rio Tibre. O título “cidade das sete colinas” é muito comum entre os escritores romanos (e.g., Virgílio; Marcial; Cícero).

16.12 ¹Ap 9.14;
²Is 41.2
16.13 ¹Ap 12.3;
²Ap 13.1;
³Ap 19.20
16.14 ¹mtm 4.1;
²Ap 17.14

16.15 ¹Lc 12.37

16.16 ¹Ap 9.11;
²Rs 23.29,30
16.17 ¹cf 2.2;
²Ap 14.15;
³Ap 11.15; ⁴Ap 21.6
16.18 ¹Ap 4.5;
²Ap 6.12; ³On 12.1
16.19 ¹Ap 17.18;
²Ap 18.5; ³Ap 14.8;
⁴Ap 14.10
16.20 ¹Ap 6.14
16.21 ¹Ap 11.19;
²Ex 9.23-25

17.1 ¹Ap 15.1;
²Ap 21.3;
³Ap 16.19;
⁴Ap 19.2; ⁵Ur 51.13
17.2 ¹Ap 14.8;
18.3
17.3 ¹Ap 12.6,14;
²Ap 13.1; ³Ap 12.3
17.4 ¹Ap 18.16;
²Jr 51.7; ³Ap 18.6

17.5 ¹Ap 14.8

17.6 ¹Ap 18.24

17.7 ¹v. 5; ²v. 3

17.8 ¹Ap 13.10;
²Ap 3.10; ³Ap 13.8;
⁴Ap 13.3

17.9 ¹Ap 13.18

NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

Primeiras perseguições à Igreja

APOCALIPSE 17 A perseguição foi um fato da vida dos primeiros cristãos. O livro de Atos registra os martírios de Estêvão (At 7) e de Tiago, irmão de João (At 12.2) e a ação de Saulo/Paulo, que, antes de sua conversão, “respirava ameaças de morte” contra a Igreja (At 9.1).¹ Fora da Terra Santa, a oposição dos judeus da sinagoga ao cristianismo juntava-se ao crescente incômodo entre os não judeus, porque o sólido monoteísmo dos primeiros cristãos ofendia muitos pagãos, que

legítima, se não peculiar, por isso não se engajavam oficialmente na perseguição aos judeus).

A confissão básica do cristianismo — “Jesus é Senhor” — era um problema no Império Romano, pois a afirmação da soberania de Jesus correspondia a uma contestação direta ao poder absoluto do imperador. Quando o imperador ou seus representantes convocavam o povo para honrar o imperador como uma divindade, os cristãos não podiam

tochas para iluminar as ruas. As ações eram tão cruéis que até as pessoas hostis ao cristianismo criticaram Nero.⁵

Depois de Nero, a perseguição à Igreja parece ter se tornado mais esporádica. O imperador Domiciano é acusado de amplos ataques contra a Igreja, mas a evidência de uma perseguição em larga escala durante seu reinado não é substancial. (Essas perseguições sistemáticas, entretanto, realmente ocorreram nos séculos subsequentes até a época de Constantino.)

Apesar disso, pelo menos um martírio é relatado no livro de Apocalipse (o de Antipas, em Ap 2.13), com a forte implicação de que outras mortes estavam por vir. Algumas décadas após a redação de Apocalipse, o governador romano Plínio escreveu ao imperador Trajano a fim de solicitar instruções sobre os parâmetros para punir os cristãos confessos. Embora a resposta de Trajano se concentrasse em questões de procedimento e não especificasse o grau da punição, é inegável que o cristianismo era considerado uma séria ameaça à ordem social do Império Romano do início do século II.

Sem dúvida, os primeiros cristãos tiveram problemas por confessar sua fé também na vida cotidiana. Na província da Ásia, por exemplo, as companhias de comércio sempre adotavam um deus pagão como patrono. As reuniões administrativas, portanto, envolviam a adoração a essa divindade, e os cristãos que se recusavam a participar podiam ter o seu meio de subsistência comprometido. Muitos especialistas acreditam que esse é o contexto de Apocalipse 13.17 — os que não possuíam a “marca da besta” não podiam comprar nem vender. Zombaria por parte dos vizinhos, tensões familiares e preocupação com o assédio do governo sem dúvida contribuíram para o temor de maus-tratos e de coisa pior entre os primeiros cristãos.



O Coliseu de Roma

Preserving Bible Times; © dr. James C. Martin

costumavam adotar diferentes deuses de todos os lugares do mundo.² Quando o meio de vida dos praticantes do paganismo era desafiado pelo testemunho do evangelho, a perseguição era a consequência (At 19). Os primeiros cristãos foram perseguidos pelos judeus por afirmarem que Jesus de Nazaré era o Messias e por alguns judeus cristãos por aceitarem os convertidos gentios sem a exigência de que se tornassem prosélitos do judaísmo³ e eram criticados pelos gentios por causa de seu monoteísmo (os gentios haviam aceitado o judaísmo como religião

atender a esse apelo em sua consciência.⁴ Portanto, era inevitável que a lealdade dos cristãos a Jesus representasse um problema para as autoridades romanas, e a situação por fim irrompeu no reinado do imperador Nero, em 64 d.C. Nero procurava um bode expiatório para o incêndio que destruiu parte da cidade e assim pôs a culpa nos cristãos. O historiador romano Tácito (*Anais*, 15.44) relata que muitos cristãos foram presos e mortos. Alguns eram vestidos com peles de animais e rasgados por cães, enquanto outros eram crucificados ou usados como

¹Ver “A expansão geográfica da Igreja sob perseguição”, em At 8. ²Ver “Os deuses dos gregos e dos romanos”, em Gl 4; e “Religiões de mistério”, em Cl 3. ³Ver “Os prosélitos no judaísmo do segundo templo”, em At 6. ⁴Ver “O culto imperial”, em Mc 12. ⁵Ver “Nero, o perseguidor dos cristãos”, em Fp 4.

PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS DA HISTÓRIA DO NOVO TESTAMENTO NO SÉCULO I D.C.

	Romano	Judaico	Cristão
a.C.	Reinado de Augusto como imperador (27 a.C.-14 d.C.).	Reinado de Herodes, o Grande (37-4 a.C.). Início da construção do templo de Herodes (20 a.C.). Morte de Herodes, o Grande (4 a.C.).	Nascimento de Jesus Cristo (6-4 a.C.).
d.C.	Primeiro censo ordenado por Quirino, governador da Síria (6 d.C.).		
10	Reinado de Tibério (14-37)	Unção de Caifás como sumo sacerdote (18)	
20	Nomeação de Pilatos como procurador da Judeia (26)		O ministério de João Batista (26-27) O ministério de Jesus (26-29)
30	Destituição de Pilatos por Roma (36) Reinado de Catígula (37-41)	Reinado de Herodes Agripa I (37-44)	Crucificação de Jesus (30-33) Pentecoste (30-33) Martírio de Estêvão (32-35) Conversão de Paulo (33-35)
40	Reinado de Cláudio (41-54)	Morte de Herodes Agripa I (44) Expulsão dos judeus de Roma (49)	Martírio de Tiago e prisão de Pedro (41-44) Fome na Judeia e a visita assistencial de Paulo (46-47) Primeira viagem missionária de Paulo (47-49) Concílio de Jerusalém (49) Segunda viagem missionária de Paulo (49-51)
50	Reinado de Nero (54-68)	Nomeação de Félix como procurador (52-59) Nomeação de Festo como procurador (59-61)	Terceira viagem missionária de Paulo (52-57) Prisão de Paulo (56-57) Paulo diante de Festo e Agripa II; sua apelação para César (58-59)
60	Grande incêndio em Roma; os cristãos são acusados e perseguidos (64) Reinado de Vespasiano (69-79)	Revolta judaica contra Roma (66) Fuga dos cristãos de Jerusalém para Pela, a leste do Jordão (66)	Paulo em Roma (60) Martírio de Tiago, irmão do Senhor (62) Martírio de Paulo e Pedro (64-68)
70	Reinado de Tito (79-81)	Queda de Jerusalém (70) Queda de Massada (73)	
80	Reinado de Domiciano (81-96)		Grande perseguição romana contra a Igreja (81-96)
90			Exílio de João, o "discípulo amado", em Patmos (93-96) Morte de João (ca. 98)

17.11 v. 8

quando surgir, deverá permanecer durante pouco tempo. ¹¹ A besta que era, e agora não é,^z é o oitavo rei. É um dos sete, e caminha para a perdição.

17.12 ^aAp 12.3;
^bAp 18.10, 17.19;
17.13 v. 17

¹² “Os dez chifres^a que você viu são dez reis que ainda não receberam reino, mas que por uma hora^b receberão, com a besta, autoridade como reis. ¹³ Eles têm um único propósito e darão seu poder e sua autoridade à besta. ¹⁴ Guerrearão^c contra o Cordeiro, mas o Cordeiro os vencerá, pois é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis;^c e vencerão com ele os seus chamados, escolhidos^f e fiéis”.

17.14 ^aAp 16.14;
^b1Tm 6.15;
Ap 19.16;
^cMt 22.14
17.15 ^aIs 8.7;
^bAp 13.7
17.16 ^aAp 18.17;
19.1; Ez 16.37, 39;
^bAp 19.18;
^cAp 18.8
17.17 ^aAp 10.7
17.18 ^aAp 16.19

¹⁵ Então o anjo me disse: “As águas^s que você viu, onde está sentada a prostituta, são povos, multidões, nações e línguas.^b ¹⁶ A besta e os dez chifres que você viu odiarão a prostituta. Eles a levarão à ruína^a e a deixarão nu,^a comerão a sua carne^k e a destruirão com fogo.^l ¹⁷ pois Deus pôs no coração deles o desejo de realizar o propósito que ele tem, levando-os a concordar em dar à besta o poder que eles têm para reinar até que se cumpram as palavras de Deus.^m ¹⁸ A mulher que você viu é a grande cidadeⁿ que reina sobre os reis da terra”.

A Queda da Babilônia

18.1 ^aAp 17.1;
^bAp 10.1; Ez 43.2
18.2 ^aAp 14.8;
^bIs 13.21, 22;
Jr 50.39

18 Depois disso vi outro anjo^o que descia dos céus.^p Tinha grande autoridade, e a terra foi iluminada por seu esplendor.^q ² E ele bradou com voz poderosa:

“Caiu! Caiu a grande Babilônia!”

Ela se tornou habitação de demônios
e antro de todo espírito imundo^a,
antro de toda ave impura e detestável,^s

³ pois todas as nações beberam
do vinho da fúria
da sua prostituição.^t

Os reis da terra
se prostituíram com ela;^u
à custa do seu luxo excessivo^v
os negociantes da terra
se enriqueceram.”^w

18.3 ^aAp 14.8;
^bAp 17.2; Ez 27.9-
25; v. 7.9 w

18.4 ^aIs 48.20;
Jr 50.8; 2Co 6.17

⁴ Então ouvi outra voz dos céus que dizia:

“Saiam dela, vocês, povo meu,^x
para que vocês não participem dos seus pecados,
para que as pragas que vão cair sobre ela não os atinjam!

⁵ Pois os pecados da Babilônia acumularam-se até o céu,^y
e Deus se lembrou^z dos seus crimes.

⁶ Retribuam-lhe na mesma moeda;
paguem-lhe^a em dobro pelo que fez;
misturem para ela uma porção dupla no seu próprio cálice.^b

⁷ Façam-lhe sofrer tanto tormento
e tanta aflição como a glória e o luxo a que ela se entregou.^c

Em seu coração ela se vangloriava:
‘Estou sentada como rainha;
não sou viúva e jamais terei tristeza.’^d

⁸ Por isso num só dia^e as suas pragas a alcançarão:
morte, tristeza e fome;
e o fogo a consumirá,^f
pois poderoso é o Senhor Deus que a julga.

18.5 ^aJr 51.9;
^bAp 16.19

18.6 ^aSl 137.8;
Jr 50.15, 29;
^bAp 14.10; 16.19

18.7 ^aEz 28.2-8;
^bIs 47.7, 8; Sf 2.15

18.8 ^av. 10;
^bIs 47.9;
Jr 50.31, 32;
^cAp 17.16

18.9 ^aAp 17.2, 4;
^bv. 18; Ap 19.3;
Ez 26.17, 18
18.10 ^av. 15, 17;
^bv. 16, 19;
Ap 17.12

⁹ “Quando os reis da terra, que se prostituíram com ela^s e participaram do seu luxo, virem a fumaça do seu incêndio,^b chorarão e se lamentarão por ela.^l ¹⁰ Amedrontados por causa do tormento dela, ficarão de longe^o e gritarão:

• 18.2 Ou *maligno*.

18.1-24 João, profeta cristão judeu exilado, descreve de maneira terrível o funeral sobre o império mais poderoso da terra. Esse ataque velado contra Roma pode ter levado a igreja primitiva uma exposição indesejada e provocado mais perseguição. Os cristãos da época devem ter considerado a atitude de João corajosa e cheia de fé — ou um convite ao martírio em massa.

18.3 Sobre o “vinho da fúria da sua prostituição”, ver nota em 14.8. O império mercante de Roma tornou-se rica (ver “Comércio e mercantilismo no Império Romano”, em Ap 18). A maioria do povo, embora pobre, era seduzida por sua grandeza.

“Ai! A grande cidade!^k

Babilônia, cidade poderosa!

Em apenas uma hora^l chegou a sua condenação!^l

¹¹ “Os negociantes^m da terra chorarão e se lamentarão por causa dela, porque ninguém mais compra a sua mercadoria:ⁿ ¹² artigos como ouro, prata, pedras preciosas e pérolas; linho fino, púrpura, seda e tecido vermelho; todo tipo de madeira de cedro e peças de marfim, madeira preciosa, bronze, ferro e mármore;^o ¹³ canela e outras especiarias, incenso, mirra e perfumes; vinho e azeite de oliva, farinha fina e trigo; bois e ovelhas, cavalos e carruagens, e corpos e almas de seres humanos^p.”

¹⁴ “Eles dirão: ‘Foram-se as frutas que tanto lhe apeteciam! Todas as suas riquezas e todo o seu esplendor se desvaneceram; nunca mais serão recuperados’. ¹⁵ Os negociantes dessas coisas, que enriqueceram à custa dela,^q ficarão de longe, amedrontados com o tormento dela, e chorarão e se lamentarão;^r ¹⁶ gritando:

“Ai! A grande cidade,

vestida de linho fino, de roupas de púrpura

e vestes vermelhas, adornada de ouro, pedras preciosas e pérolas!^s

¹⁷ Em apenas uma hora,^t tamanha riqueza foi arruinada!^u

“Todos os pilotos, todos os passageiros e marinheiros dos navios e todos os que ganham a vida no mar^v ficarão de longe. ¹⁸ Ao verem a fumaça do incêndio dela, exclamarão: ‘Que outra cidade jamais se igualou a esta grande cidade?’^w ¹⁹ Lançarão pó sobre a cabeça^x e, lamentando-se e chorando, gritarão:

“Ai! A grande cidade!

Graças à sua riqueza, nela prosperaram

todos os que tinham navios no mar!

Em apenas uma hora ela ficou em ruínas!^y

^o 18.13 Ou *corpos, e até almas humanas*.

18.12,13 O problema de Roma pode ter sido não sua riqueza, mas a oportunidade desigual. Os itens de luxo listados aqui representam *status* ou esbanjamento de recursos à custa das necessidades essenciais de outros. 18.12 A púrpura era um corante caro, porque era extraída uma gota por vez da concha de um molusco.

A madeira escura de cedro (ou cidra), do norte da África, era muito cara e usada em trabalhos de decoração de móveis de luxo.

O mármore era usado para decorar os prédios públicos e as casas dos ricos.

18.13 Mirra e incenso foram trazidos pelos magos como presentes para o pequeno Jesus (ver Mt 2.11 e nota; ver também “Incenso”, em Jr 11).

18.19 Lançar pó sobre a cabeça era uma atitude de desgraça e desalento (ver “Pano de saco e cinzas: rituais de lamentação”, em Sl 30).

18.11 *Ez 27.27;
v. 3
18.12 *Ap 17.4

18.13 *Ez 17.13;
1Tm 1.10

18.15 w. 3;
*Ez 27.31

18.16 *Ap 17.4

18.17 v. 10;
*Ap 17.16;
*Ez 27.28-30

18.18 *Ez 27.32;
Ap 13.4
18.19 *Js 7.6;
Ez 27.30;
*Ap 17.16

NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

Comércio e mercantilismo no Império Romano

APOCALIPSE 18 O lucro era a força motriz do expansionismo imperial romano. O Egito, por exemplo, supria Roma com grandes quantidades de grãos, enquanto a Judeia abastecia o império com peixe processado e bálsamo, entre outros. A governança colonial, os esforços militares para a manutenção da paz e o extenso sistema de estradas romanas eram planejados para o benefício material de Roma. Os habitantes locais que uniam forças a Roma também desfrutavam

as benesses desses empreendimentos. Por isso, Apocalipse 18.11 observa que os mercadores choravam e lamentavam por causa da Babilônia (Roma) porque ninguém mais compraria seus produtos.

Em Apocalipse, João mostra-se especialmente preocupado com a exploração econômica romana do comércio de mercadorias de luxo. A lista de mercadorias apresentada em 18.12,13 tem como modelo a relação de cargas mencionada no lamento pela cidade

de Tiro, em Ezequiel 27, porém adaptada à realidade do Império Romano. Itens como ouro, prata, canela e madeira de cidra eram artigos de luxo, não necessidades, para a elite romana. Visto desse ângulo, Apocalipse não é apenas a predição da derrocada do perverso reino da “Babilônia”, mas também um desafio a qualquer nação que busca riqueza e luxúria enquanto rejeita a lei de Deus.

18.20 ^aJr 51.48;
Ap 12.12; ^aAp 19.2

²⁰ Celebrem o que se deu com ela, ó céus!^z
Celebrem, ó santos, apóstolos e profetas!
Deus a julgou, retribuindo-lhe o que ela fez a vocês ' ”. ^a

18.21 ^aAp 5.2;
^cJr 51.63

²¹ Então um anjo poderoso^b levantou uma pedra do tamanho de uma grande pedra de moinho, lançou-a ao mar^c e disse:

“Com igual violência
será lançada por terra a grande cidade de Babilônia,
para nunca mais ser encontrada.

18.22 ^aIs 24.8;
Ez 26.13;
^aJr 25.10

²² Nunca mais se ouvirá em seu meio o som dos harpistas, dos músicos,
dos flautistas e dos tocadores de trombeta.^d

Nunca mais se achará dentro de seus muros
artífice algum, de qualquer profissão.
Nunca mais se ouvirá em seu meio
o ruído das pedras de moinho.^e

18.23 ^aJr 7.34;
16.9; 25.10;
^aIs 23.8; ^aNa 3.4

²³ Nunca mais brilhará dentro de seus muros
a luz da candeia.

Nunca mais se ouvirá ali
a voz do noivo e da noiva.^f

Seus mercadores eram os grandes do mundo.^g
Todas as nações foram seduzidas
por suas feitiçarias.^h

18.24 ^aAp 16.6;
17.6; ^aJr 51.49

²⁴ Nela foi encontrado sangue de profetas e de santos,ⁱ
e de todos os que foram assassinados na terra” ^j

Aleluia!

19.1 ^aAp 11.15;
^aAp 7.10; ^aAp 4.11

19 Depois disso ouvi no céus algo semelhante à voz de uma grande multidão,^k que exclamava:

“Aleluia!
A salvação,^l a glória e o poder^m pertencem ao nosso Deus,

19.2 ^aDt 32.43;
Ap 6.10

² pois verdadeiros e justos são os seus juízos.

Ele condenou a grande prostituta
que corrompia a terra com a sua prostituição.
Ele cobrou dela o sangue dos seus servos”.ⁿ

19.3 ^aIs 34.10;
Ap 14.11

³ E mais uma vez a multidão exclamou:

“Aleluia!
A fumaça que dela vem,
sobe para todo o sempre”.^o

19.4 ^aAp 4.4;
^aAp 4.6; ^aAp 5.14

⁴ Os vinte e quatro anciãos^p e os quatro seres viventes^q prostraram-se^r e adoraram a Deus, que estava assentado no trono, e exclamaram:

“Amém, Aleluia!”

19.5 ^aSl 134.1;
^aAp 11.18; 20.12

⁵ Então veio do trono uma voz, conclamando:

“Louvem o nosso Deus,
todos vocês, seus servos,^s
vocês que o temem,
tanto pequenos como grandes!”^t

18.20 Sobre atitudes de vingança contra os inimigos, ver nota em Sl 69.22-28; ver também “Maldições e imprecções”, em Sl 83.

18.21 A “grande pedra de moinho”, aqui, é semelhante à de Mc 9.42 (ver sua nota). Era, na verdade, uma “pedra de moinho para jumento” (tão grande, que era necessário um jumento para girá-la). Lançar uma pedra de moinho ao mar era símbolo de destruição completa.

19.1-6 Sobre atitudes de vingança contra os inimigos, ver nota em Sl 69.22-28; ver também “Maldições e imprecções”, em Sl 83.

19.1 “Aleluia” é uma palavra de louvor encontrada na maioria das línguas para as quais a Bíblia foi traduzida. A palavra, geralmente traduzida por “louvemos ao Senhor”, foi usada por vários salmistas para convidar o povo a se juntar a eles no louvor a Deus (Sl 104.35; 105.45; 106.1.48; 111.1; 113.1.9; 115.18; 116.19; 117.2; 135.1.21; o primeiro e o último versículos de Sl 146—150). O termo em Apocalipse 19.1,3,4, 6 é emprestado desses salmos.

⁶ Então ouvi algo semelhante ao som de uma grande multidão,^a como o estrondo de muitas águas e fortes trovões, que bradava:

19.6 ^aAp 11.15

“Aleluia!, pois reina
o Senhor, o nosso Deus, o Todo-poderoso.

⁷ Regozijemo-nos! Vamos alegrar-nos
e dar-lhe glória!

19.7 ^aMt 22.2;
25.10; ^bEf 5.32;
^cAp 21.2,9

Pois chegou a hora do casamento do Cordeiro,^c
e a sua noiva^w já se aprontou.

⁸ Para vestir-se, foi-lhe dado
linho fino, brilhante e puro^x.

19.8 ^aAp 15.4

O linho fino são os atos justos^x dos santos.

⁹ E o anjo me disse:^y “Escreva:^z Felizes os convidados para o banquete do casamento do Cordeiro!”^a
E acrescentou: “Estas são as palavras verdadeiras de Deus”.^b

19.9 ^av. 10;
^bAp 1.19;
^cLc 14.15;
^dAp 21.5; 22.6
19.10 ^aAp 22.8;
^bAt 10.25,26;
^cAp 22.9; ^dAp 12.17

¹⁰ Então caí aos seus pés para adorá-lo,^c mas ele me disse: “Não faça isso! Sou servo como você e como os seus irmãos que se mantêm fiéis ao testemunho^d de Jesus. Adore a Deus!^d O testemunho de Jesus^e é o espírito de profecia”.

O Cavaleiro no Cavalo Branco

¹¹ Vi os céus abertos e diante de mim um cavalo branco, cujo cavaleiro^f se chama Fiel e Verdadeiro.^g Ele julga e guerreia com justiça.^h ¹² Seus olhos são como chamas de fogo,ⁱ e em sua cabeça há muitas coroa^s^j e um nome que só ele conhece, e ninguém mais.^k ¹³ Está vestido com um manto tingido de sangue,^l e o seu nome é Palavra de Deus.^m ¹⁴ Os exércitos dos céus o seguiram, vestidos de linho fino,ⁿ branco e puro, e montados em cavalos brancos. ¹⁵ De sua boca sai uma espada afiada,^o com a qual ferirá^p as nações. “Ele as governará com cetro de ferro.”^q Ele pisa o lagar do vinho^r do furor da ira do Deus todo-poderoso. ¹⁶ Em seu manto e em sua coxa está escrito este nome:^s

19.11 ^aAp 6.2;
^bAp 3.14; ^cIs 11.4;
19.12 ^aAp 1.14;
^bAp 6.2; ^cAp 2.17
19.13 ^aIs 63.2,3;
^bJd 1.1
19.14 ^av. 8
19.15 ^aAp 1.16;
^bIs 11.4; 2Ts 2.8;
^cSl 2.9; ^dAp 2.27;
^eAp 14.20
19.16 ^av. 12;
^bAp 17.14

REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES.¹

¹⁷ Vi um anjo que estava em pé no sol e que clamava em alta voz a todas as aves^u que voavam pelo meio do céu:^v “Venham,^w reúnam-se para o grande banquete de Deus, ¹⁸ para comerem carne de reis, generais e poderosos, carne de cavalos e seus cavaleiros, carne de todos^x — livres e escravos, pequenos e grandes”.

19.17 ^av. 21;
^bAp 8.13;
^cEc 39.17
19.18 ^aEc 39.18-20

¹⁹ Então vi a besta, os reis da terra^y e os seus exércitos reunidos para guerrear contra aquele que está montado no cavalo e contra o seu exército. ²⁰ Mas a besta foi presa, e com ela o falso profeta^z que havia realizado os sinais milagrosos em nome dela,^a com os quais ele havia enganado os que receberam a marca da besta e adoraram a imagem dela. Os dois foram lançados vivos no lago de fogo^b que arde com enxofre.^c ²¹ Os demais foram mortos com a espada^d que saía da boca daquele que está montado no cavalo.^e E todas as aves^f se fartaram com a carne deles.

19.19 ^aAp 16.14, 16
19.20 ^aAp 16.13;
^bAp 13.12;
^cDn 7.11;
^dAp 20.10,14,15;
21.6; ^eAp 14.10
19.21 ^av. 15;
^bv. 11,19; ^cv. 17

Os Mil Anos

20 Vi descer dos céus^g um anjo que trazia na mão a chave^h do Abismo e uma grande corrente. ² Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo, Satanás,ⁱ e o acorrentou por mil anos;^j ³ lançou-o no Abismo, fechou-o e pôs um selo^k sobre ele, para assim impedi-lo de enganar as nações,^l até que terminassem os mil anos. Depois disso, é necessário que ele seja solto por um pouco de tempo.

20.1 ^aAp 10.1;
^bAp 1.18
20.2 ^aAp 12.9;
^b2Pe 2.4
20.3 ^aDn 6.17;
^bAp 12.9

^a 19.10 Ou *que mantém o testemunho*.

^b 19.12 Grego: *diademas*.

^c 19.15 Sl 2.9.

19.7,8 A figura do casamento para expressar o relacionamento íntimo entre Deus e seu povo (“sua noiva”) tem raízes nos escritos proféticos do AT (e.g., Is 54.5-7; Os 2.19; ver também “Casamentos no antigo Israel”, em Ct 3). Comparar o uso do NT em Mt 22.2-14 e Ef 5.32.

19.10 Sobre a frase “caí aos seus pés”, ver nota em 1.17. O anjo desaprovava o louvor de João e declara que também está apenas agindo como mensageiro de Deus. Muitos contemporâneos judeus de João acreditavam que o espírito da profecia havia sido suprimido, mas retornaria durante a era messiânica.

19.12 Sobre a “coroa”, ver nota em 12.3.

19.15 Sobre a “espada afiada”, ver nota em 1.16; sobre o “lagar”, ver “O lagar”, em Is 63.

19.20 O castigo mediante o fogo ocupa lugar de destaque nos escritos judaicos bíblicos (e.g., Lm 1.13) e extrabíblicos (e.g., *1Enoque*, 54.1). Embora a designação *geena* não seja usada aqui, é a isso que João se refere (ver nota em Mt 5.22).

19.21 A “espada” aqui é a espada longa (ver nota em 1.16).

20.1 Para mais informações sobre o Abismo, ver nota em 9.1.

20.4 ^mDn 7.9;
^aAp 6.9; ^aAp 13.12;
^pAp 13.16

20.5 ^oLc 14.14;
^pAp 3.11

20.6 ^aAp 14.13;
^aAp 2.11; ^aAp 1.6;
^uv. 4

⁴ Vi tronos^m em que se assentaram aqueles a quem havia sido dada autoridade para julgar. Vi as almas dos que foram decapitados^o por causa do testemunho de Jesus e da palavra de Deus. Eles não tinham adorado a besta^o nem a sua imagem, e não tinham recebido a sua marca na testa nem nas mãos.^p Eles ressuscitaram e reinaram com Cristo durante mil anos. ⁵ (O restante dos mortos não voltou a viver até se completarem os mil anos.) Esta é a primeira ressurreição.^q ⁶ Felizes^r e santos os que participam da primeira ressurreição! A segunda morte^s não tem poder sobre eles; serão sacerdotes^t de Deus e de Cristo e reinarão com ele^u durante mil anos.

A Destruição de Satanás

20.7 ^vv. 2
20.8 ^vv. 3, 10;
^eEz 38.2; 39.1;
^aAp 16.14;
^aHb 11.12
20.9 ^eEz 38.9, 16;
^eEz 38.22; 39.6
20.10 ^aAp 19.20;
^aAp 14.10, 11

⁷ Quando terminarem os mil anos,^v Satanás será solto da sua prisão ⁸ e sairá para enganar as nações^w que estão nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue,^x a fim de reuni-las para a batalha.^y Seu número é como a areia do mar.^z ⁹ As nações marcharam por toda a superfície da terra e cercaram^a o acampamento dos santos, a cidade amada; mas um fogo desceu do céu^b e as devorou. ¹⁰ O Diabo, que as enganava,^c foi lançado no lago de fogo que arde com enxofre, onde já haviam sido lançados a besta e o falso profeta. Eles serão atormentados dia e noite, para todo o sempre.^d

Os Mortos São Julgados

20.11 ^aAp 4.2
20.12 ^mDn 7.10;
^aAp 3.5; ^uJr 17.10;
^uMt 16.27; ^aAp 2.23
20.13 ^aAp 6.8;
^uIs 26.19
20.14 ^mCo 15.26
20.15 ^vv. 12

¹¹ Depois vi um grande trono branco^e e aquele que nele estava assentado. A terra e o céu fugiram da sua presença, e não se encontrou lugar para eles. ¹² Vi também os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do trono, e livros foram abertos.^f Outro livro foi aberto, o livro da vida.^g Os mortos foram julgados de acordo com o que tinham feito,^h segundo o que estava registrado nos livros. ¹³ O mar entregou os mortos que nele havia, e a morte e o Hades^{ai} entregaram os mortosⁱ que neles havia; e cada um foi julgado de acordo com o que tinha feito. ¹⁴ Então a morte^k e o Hades foram lançados no lago de fogo. O lago de fogo é a segunda morte. ¹⁵ Aqueles cujos nomes não foram encontrados no livro da vida^l foram lançados no lago de fogo.

A Nova Jerusalém

21.1 ^uIs 65.17;
²Pe 3.13
21.2 ^uHb 11.10;
¹²22; ^aAp 3.12
21.3 ²Co 6.16
21.4 ^aAp 7.17;
^uCo 15.26;
^aAp 20.14;
^uIs 35.10; 65.19
21.5 ^aAp 4.9;
20.11; ^aAp 19.9
21.6 ^aAp 16.17;
^aAp 1.8; 22.13;
^uJo 4.10
21.8 ^mCo 6.9;
^aAp 2.11

21 Então vi novos céus e nova terra,^m pois o primeiro céu e a primeira terra tinham passado; e o mar já não existia. ² Vi a Cidade Santa, a nova Jerusalém, que descia dos céus, da parte de Deus,ⁿ preparada como uma noiva adornada para o seu marido. ³ Ouvei uma forte voz que vinha do trono e dizia: "Agora o tabernáculo de Deus está com os homens, com os quais ele viverá. Eles serão os seus povos^o; o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus."^q ⁴ Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima.^p Não haverá mais morte,^q nem tristeza, nem choro, nem dor,^r pois a antiga ordem já passou^r.

⁵ Aquele que estava assentado no trono^s disse: "Estou fazendo novas todas as coisas!"^t e acrescentou: "Escreva isto, pois estas palavras são verdadeiras e dignas de confiança".^t

⁶ Disse-me ainda: "Está feito.^u Eu sou o Alfa e o Ômega,^v o Princípio e o Fim. A quem tiver sede, darei de beber gratuitamente da fonte da água da vida."^w ⁷ O vencedor herdará tudo isto, e eu serei seu Deus, e ele será meu filho. ⁸ Mas os covardes, os incrédulos, os depravados, os assassinos, os que cometem imoralidade sexual, os que praticam feitiçaria, os idólatras e todos os mentirosos^x — o lugar deles será no lago de fogo que arde com enxofre. Esta é a segunda morte".^y

21.9 ^aAp 15.1, 6, 7;
^aAp 19.7
21.10 ^aAp 17.3;
^aAp 1.10

⁹ Um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das últimas sete pragas^z aproximou-se e me disse: "Venha, eu mostrarei a você a noiva,^a a esposa do Cordeiro". ¹⁰ Ele me levou^b no Espírito^c a um grande e alto monte e mostrou-me a Cidade Santa, Jerusalém, que descia dos céus, da parte de Deus.

21.11 ^aAp 15.8;
22.5; ^aAp 4.6
21.12 ^eEz 48.30-34

¹¹ Ela resplandecia com a glória de Deus,^d e o seu brilho era como o de uma joia muito preciosa, como jaspé, clara como cristal.^e ¹² Tinha um grande e alto muro com doze portas e doze anjos junto às portas.

^o 20.13 Essa palavra pode ser traduzida por *inferno*, *sepulcro*, *morte* ou *profundezas*; também no versículo 14.

^b 21.3 Alguns manuscritos dizem o seu povo.

20.4 Sobre "sua marca", ver nota em 13.16.

20.7 Alguns especialistas acreditam que a sultura de Satanás representa sua "segunda vinda" e ridiculariza a futura volta de Jesus à terra. Se for assim, na providência de Deus ela se torna meramente o palco para sua destruição final.

20.8 Gogue e Magogue simbolizam as nações do mundo que se unem para um último ataque contra Deus. Os antecedentes veterotestamentários são Ez 38 e 39 (ver nota em Ez 38.2). Apocalipse inspira-se na advertência de que Deus lançará fogo sobre Magogue (Ez 39.6) e especialmente sobre a ameaça de que ele lançará granizo e enxofre em chamas sobre o exército de Gogue (Ez 38.22). Magogue era um dos filhos de Jafé

(Gn 10.2; 1Cr 1.5). Josefo vinculou esse nome aos citas (ver nota em Cl 3.11), mas aqui não há evidência que apoie essa identificação.

20.13, 14 Ver "Sheol, Hades, Geena, Abismo e Tártaro: imagens do inferno", em Sl 139; ver também nota sobre a morte e o Hades em 1.18.

20.14, 15 Sobre o "lago de fogo", ver nota em 19.20.

21.6 Sobre "o Alfa e o Ômega" etc., ver nota em 1.8.

21.8 As artes mágicas nos tempos antigos implicavam a mistura de várias ervas como proteção contra o mal.

Sobre o "lago de fogo que arde com enxofre", ver nota em 19.20.

21.11 Sobre o "cristal", ver nota em Jó 28.17.

Nas portas estavam escritos os nomes das doze tribos de Israel.^f ¹³ Havia três portas ao oriente, três ao norte, três ao sul e três ao ocidente. ¹⁴ O muro da cidade tinha doze fundamentos, e neles estavam os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro.

¹⁵ O anjo que falava comigo tinha como medida uma vara^g feita de ouro, para medir a cidade, suas portas e seus muros. ¹⁶ A cidade era quadrangular, de comprimento e largura iguais. Ele mediu a cidade com a vara; tinha dois mil e duzentos quilômetros^a de comprimento; a largura e a altura eram iguais ao comprimento. ¹⁷ Ele mediu o muro, e deu sessenta e cinco metros de espessura^b, segundo a medida humana que o anjo estava usando. ¹⁸ O muro era feito de jaspe^h e a cidade era de ouro puro, semelhante ao vidro puro.ⁱ ¹⁹ Os fundamentos dos muros da cidade eram ornamentados com toda sorte de pedras preciosas. O primeiro fundamento era ornamentado com jaspe; o segundo com safira; o terceiro com calcedônia; o quarto com esmeralda; ²⁰ o quinto com sardônio; o sexto com sárdio;^k o sétimo com crisólito; o oitavo com berilo; o nono com topázio; o décimo com crisópraso; o décimo primeiro com jacinto; e o décimo segundo com ametista.^c ²¹ As doze portas eram doze pérolas, cada porta feita de uma única pérola. A rua principal da cidade era de ouro puro, como vidro transparente.^l

²² Não vi templo^m algum na cidade, pois o Senhor Deus todo-poderosoⁿ e o Cordeiro^o são o seu templo. ²³ A cidade não precisa de sol nem de lua para brilharem sobre ela, pois a glória de Deus a ilumina,^p e o Cordeiro é a sua candeia. ²⁴ As nações andarão em sua luz, e os reis da terra lhe trarão a sua glória.^q ²⁵ Suas portas jamais se fecharão de dia,^r pois ali não haverá noite.^s ²⁶ A glória e a honra das nações lhe serão trazidas. ²⁷ Nela jamais entrará algo impuro, nem ninguém que pratique o que é vergonhoso ou enganoso,^t mas unicamente aqueles cujos nomes estão escritos no livro da vida do Cordeiro.

O Rio da Vida

22 Então o anjo me mostrou o rio da água da vida que, claro como cristal,^u fluía^v do trono de Deus e do Cordeiro, ² no meio da rua principal da cidade. De cada lado do rio estava a árvore da vida,^w que frutifica doze vezes por ano, uma por mês. As folhas da árvore servem para a cura das nações.^x ³ Já não haverá maldição nenhuma.^y O trono de Deus e do Cordeiro estará na cidade, e os seus servos o servirão.^z ⁴ Eles verão a sua face,^a e o seu nome estará na testa deles.^b ⁵ Não haverá mais noite.^c Eles não precisarão de luz de candeia nem da luz do sol, pois o Senhor Deus os iluminará;^d e eles reinarão para todo o sempre.^e

⁶ O anjo me disse:^f “Estas palavras são dignas de confiança e verdadeiras.^g O Senhor, o Deus dos espíritos dos profetas,^h enviou o seu anjoⁱ para mostrar aos seus servos as coisas que em breve vão acontecer.”^d

Jesus Vem em Breve

7 “Eis que venho em breve! Feliz^k é aquele que guarda as palavras da profecia deste livro.”

⁸ Eu, João, sou aquele que ouviu e viu estas coisas.^l Tendo-as ouvido e visto, caí aos pés^m do anjo que me mostrou tudo aquilo, para adorá-lo. ⁹ Mas ele me disse: “Não faça isso! Sou servo como você e seus irmãos, os profetas, e como os que guardam as palavras deste livro.ⁿ Adore a Deus!”^o

¹⁰ Então me disse: “Não sele^p as palavras da profecia deste livro, pois o tempo está próximo.^q ¹¹ Continue o injusto a praticar injustiça; continue o imundo na imundícia; continue o justo a praticar justiça; e continue o santo a santificar-se.”^r

12 “Eis que venho em breve!^s A minha recompensa está comigo,^t e eu retribuirei a cada um de acordo com o que fez. ¹³ Eu sou o Alfa e o Ômega,^u o Primeiro e o Último,^v o Princípio e o Fim.”^w

^a 21.16 Grego: 12.000 estádios. Um estádio equivalia a 185 metros.

^b 21.17 Ou metros de altura. Grego: 144 côvados. O côvado era uma medida linear de cerca de 45 centímetros.

^c 21.20 A identificação precisa de algumas dessas pedras não é conhecida.

^d 22.6 Ou que acontecerão rapidamente.

21.16 A cidade era um cubo perfeito, como o Lugar Santíssimo, tanto o do tabernáculo quanto o do templo (ver 1 Rs 6.19,20). A cidade inteira será o lugar em que os cristãos experimentarão a presença de Deus.

21.18-21 Ver “Pedras preciosas do mundo bíblico”, em Is 54.

22.1 Sobre o “cristal”, ver nota em Jó 28.17.

22.2 Sobre “árvore da vida”, ver “A árvore da vida no imaginário judaico”, em Ap 22.

22.4 Nos tempos antigos, os criminosos eram banidos da presença do rei (ver Et 7.8; cf. 2Sm 14.24).

22.8 Ver nota em 1.17.

22.10 Ver “Rolos, selos e códices”, em Ap 5.

22.13 Sobre “o Alfa e o Ômega” etc., ver nota em 1.8.

21.15 ^aAp 11.1

21.18 ^vv. 11; ^vv. 21

21.19 ^hIs 54.11,12

21.20 ^aAp 4.3

21.21 ^vv. 18

21.22 ⁿJó 4.21,23;

^hAp 1.8; ^aAp 5.6

21.23 ^hIs 24.23;

60.19,20; ^aAp 22.5

21.24 ^hIs 60.3,5

21.25 ^hIs 60.11;

^hZc 14.7; ^aAp 22.5

21.27 ^hIs 52.1; ^hJl

3.17; ^aAp 22.14,15

22.1 ^aAp 4.6;

^hEz 47.1; ^hZc 14.8

22.2 ^aAp 2.7;

^hEz 47.12

22.3 ^hZc 14.11;

^aAp 7.15

22.4 ^aAp 5.8;

^aAp 14.1

22.5 ^aAp 21.25;

^aAp 21.23;

^aDn 7.27; ^aAp 20.4

22.6 ^aAp 1.1;

^aAp 19.9; 21.5;

^hHb 12.9; ^vv. 16

22.7 ^aAp 3.11;

^aAp 1.3

22.8 ^aAp 1.1;

^aAp 19.10;

22.9 ^vv. 10,18,19;

^aAp 19.10

22.10 ^aDn 8.26;

^aAp 10.4; ^aAp 1.3

22.11 ^hEz 3.27;

^aDn 12.10

22.12 ^vv. 7,20;

^hIs 40.10

22.13 ^aAp 1.8;

^aAp 1.17; ^aAp 21.6

22.14 *Ap 2.7;
*Ap 21.12;
*Ap 21.27
22.15 *1Co 6.9,10;
Gl 5.19-21;
Cl 3.5,6; *Ap 1.2
22.16 *Ap 1.1;
*Ap 1.4; *Ap 5.5;
*2Pe 1.19; Ap 2.28

¹⁴ “Felizes os que lavam as suas vestes, e assim têm direito à árvore da vida^a e podem entrar na cidade^c pelas portas.^z ¹⁵ Fora^a ficam os cães,^b os que praticam feitiçaria, os que cometem imoralidades sexuais, os assassinos, os idólatras e todos os que amam e praticam a mentira.

¹⁶ “Eu, Jesus,^c enviei o meu anjo para dar a vocês este testemunho concernente às igrejas.^d Eu sou a Raiz^e e o Descendente de Davi, e a resplandecente Estrela da Manhã.”¹

22.14 Ver “A árvore da vida no imaginário judaico”, em Ap 22; e “A porta da cidade”, em Rr 4.

22.15 O termo “cães” é aplicado a todas as pessoas impuras.

NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

A árvore da vida no imaginário judaico

APOCALIPSE 22 A árvore da vida, em Apocalipse 22, retrata a cura dos efeitos da Queda para a humanidade, cujo efeito mais terrível era a morte. Essa imagem é encontrada por toda a Bíblia e é própria da linguagem e da arte judaicas primitivas. A árvore da vida de Gênesis 2 e 3 representava a vida eterna que a humanidade perdeu na Queda. Em Ezequiel 47, árvores com frutos com a propriedade de curar cresciam ao longo do rio que fluía do templo no Reino de Deus.¹ A menorá (o candelabro do templo) pode ter sido uma representação abstrata da árvore da vida. Nos textos sapienciais, como o salmo 1, os justos são comparados a uma árvore plantada à margem de um rio. E Provérbios 3.18, a sabedoria é descrita como uma árvore de vida para os que se apoderam dessa virtude.

Fora das fontes judaicas bíblicas, são muitas as referências à árvore da vida:

✚ As árvores aparecem regularmente nos trabalhos de arte judaicos. São especialmente



Menorá entalhada em pedra num friso de uma sinagoga de Estemoa, perto de Hebron.

Preserving Bible Times; © dr. James C. Martin

comuns em ambientes funerários (nesse contexto provavelmente significando a árvore da vida como símbolo da imortalidade).

✚ A árvore da vida era comum na literatura religiosa judaica primitiva:

Um texto chamado *Targum Neofiti* diz: “A Lei é uma [ou é a] Árvore da Vida para

todos os que a estudam, e todos os que guardam suas ordenanças viverão e se erguerão como uma Árvore da Vida no mundo vindouro”.

Em *4Esdras*, 51-52, conta-se a Esdras que Deus abrirá o Paraíso para os justos: é para eles que a árvore da vida foi plantada.²

Em *1Enoque*, 24-25, Enoque vê a árvore da vida numa viagem aos confins da terra. Plantada no trono da montanha de Deus, era maravilhosamente bela e fragrante.³

A tradição rabínica afirma que a árvore da vida era tão alta que a escada até seu topo exigia uma jornada de quinhentos anos.

Há muitos outros textos judaicos como esses. Coletivamente, informam que o símbolo da árvore da vida evocava poderosamente o anseio pela vida e pela cura espiritual entre os antigos judeus. Era um símbolo bíblico que eles prontamente adotaram. João, com efeito, está dizendo que o único caminho para a árvore da vida é por meio de Jesus Cristo.

¹Ver “A geografia de Ezequiel 47”, em Ez 47. ²Para uma descrição de *4Esdras*, também conhecido como *2Esdras*, ver “Os Apócrifos”, em Tt 1. ³Para mais informações sobre *1Enoque*, ver “A Bíblia e a literatura pseudepigráfica”, em Jd.

¹⁷ O Espírito^g e a noiva dizem: “Vem!” E todo aquele que ouvir diga: “Vem!” Quem tiver sede venha; e quem quiser beba de graça da água da vida.

¹⁸ Declaro a todos os que ouvem as palavras da profecia deste livro: Se alguém lhe acrescentar algo,^h Deus lhe acrescentará as pragas descritas neste livro.ⁱ ¹⁹ Se alguém tirar alguma palavra^j deste livro de profecia, Deus tirará dele a sua parte na árvore da vida e na cidade santa, que são descritas neste livro.

²⁰ Aquele que dá testemunho destas coisas^k diz: “Sim, venho em breve!”
Amém. Vem, Senhor Jesus!!

²¹ A graça do Senhor Jesus seja com todos.^m Amém.

22.17 ^aAp 2.7

22.18 ^bDt 4.2;
Pv 30.6;
^cAp 15.6—16.21
22.19 ^dDt 4.2

22.20 ^eAp 1.2;
^f1Co 16.22

22.21 ^gRm 16.20

22.19 Ver “A árvore da vida no imaginário judaico”, em Ap 22.

